



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MATHEUS BEZERRA TEIXEIRA

ANDROGINISMO NA OBRA O CORTIÇO: uma relação biológica e psicológica em
Rita Baiana e Pombinha.

MATHEUS BEZERRA TEIXEIRA

ANDROGINISMO NA OBRA O CORTIÇO: uma relação biológica e psicológica em
Rita Baiana e Pombinha.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Estadual do Maranhão – (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos

Itapecuru Mirim
2021

MATHEUS BEZERRA TEIXEIRA

ANDROGINISMO NA OBRA O CORTIÇO: uma relação biológica e psicológica em
Rita Baiana e Pombinha.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Estadual do Maranhão – (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos

Aprovado em: ____ / ____ / 2021

Prof.^a Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos
UEMA

2º examinador

3º examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao bom Deus por me proporcionar esses anos de alegria, provisão, e me fazer enxergar que esse sonho era possível.

Agradecer a minha namorada que sempre confiou e apoiou nos momentos mais difíceis, me mostrando que antes de ser companheira, era minha apoiadora e incentivadora. E sua compreensão foi um grande suporte para essa realização.

Aos meus pais, a minha eterna gratidão pelo amor e dedicação dados. Minha admiração pelo empenho de minha mãe e meu pai em fazer de tudo para que esse momento se realizasse. Um passava doze horas de turno e outro levantava às quatro da manhã para nos dar o sustento e me incentivar financeiramente nos meus estudos. Foi com vocês que aprendi a lutar dignamente pelos meus sonhos e é pra vocês que eu realizo esse progresso.

Aos meus familiares que sempre me ajudaram nos momentos de dificuldades, meus irmãos, minha tia e meus primos. Agradecer a cada um pela compreensão nas minhas ausências nas comemorações da família, agora poderei participar.

Agradecer pela companhia de minhas colegas de equipe que, desde o primeiro período me acompanharam e marcaram a minha vida com suas alegrias e seus ensinamentos. Posso dizer que eu mais aprendi com vocês do que ensinei algo, Leticia Martins, Letícia Correa, Márcia, Layane e Thaís, vocês são também, parte desse trabalho.

São tantos anjos que apareceram, e um dele foi minha tia Tereza que mesmo morando longe me apoiava tanto com palavra como financeiramente. Essa conquista também é sua, Tia.

Agradeço também pela orientadora que sempre me perguntava e me apoiava, me dando motivação com suas mensagens perguntando se eu havia terminado de fazer para lhe enviar. Naqueles momentos eu não estava passando muito bem, e a motivação e a maneira que falava me forçava a sair da tristeza e ser mais proativo.

São tantos anjos que Deus enviou, e eu só posso dizer pra vocês um “Muito obrigado”, vocês estão eternizados em meu coração.

“A obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as raízes que a mantêm como tal.”

Antonio Candido

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender de que maneira o Androginismo age no cortiço, por meio do perfil de Rita Baiana e Pombinha na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, a fim de observar as mudanças na representação das personagens. Para isso, utilizou-se como teóricos os estudos de Azevedo(2012) e “Platão e as teorias de Freud, os quais ajudaram a esclarecer o surgimento do Androginismo e como ele é implantado na sociedade, a visão dos seres que o possuem e a diferença entre as demais pessoas daquela época. Assim, o tema escolhido se baseou na infinidade de possibilidades de estudos na obra. Um livro que em suas linhas aparece o povo e a face social de uma coletividade carregada de preconceitos, com o intuito em saber quais comportamentos são vistos em Rita e Pombinha, quando lutam para ter reconhecimento na sociedade. Por isso, teve-se como objetivos principais: Identificar como Rita Baiana age diante das mazelas sociais do cortiço; analisar a maneira em que a Rita e Pombinha são colocadas pelos personagens; discutir como a Rita muda seu perfil pela busca de seus interesses. Com esse trabalho foi possível elucidar tais questões, com a seguinte ordem metodológica: de forma bibliográfica, tendo em vista que o objeto abordado se baseia na literatura e na obra de Platão e investigação da mulher na obra através da teoria psicanalítica, representada por duas personagens. Para isso, será necessário a leitura de artigos, resenhas e fichamentos para embasar a teoria apresentada e assim chegar ao corpus da pesquisa e analisar. E diante disso, foi possível observar a mudança de Rita Baiana e Pombinha.

Palavras chaves: Aluísio Azevedo. O Cortiço. Rita Baiana. Pombinha.

ABSTRACT

The present work sought to understand how Androgynism acts in the tenement, through the profile of Rita Baiana and Pombinha in the work "O Cortiço", by Aluísio Azevedo, in order to observe the changes in the representation of the characters. For this, the studies of Azevedo(2012) and "Plato and the theories of Freud were used as theoreticians, which helped to clarify where Androgynism emerged and how it is implanted in society, and the vision of beings who possess it and the difference between other people in society at the time. And the chosen theme was based on the infinity of study possibilities in the work O Cortiço. A book that in its lines shows the people and the social face of a collectivity loaded with prejudices, in order to know what behaviors are seen in Rita and Pombinha in "O Cortiço", when they struggle to gain recognition in society? Therefore, the main objectives were: To identify how Rita Baiana acts to the social ailments of the tenement; analyze the way in which Rita and Pombinha are placed by the characters; discuss how Rita changes her profile in pursuit of her interests. With this work, it was possible to elucidate such questions, with the following methodological order: bibliographically, considering that the approached object is based on the literature and the work of Plato and investigation of the woman in the work through the psychoanalytic theory, represented by two characters. For this, it will be necessary to read articles, reviews and records to support the theory presented and thus arrive at the corpus of the research and analyze it. And before that, it was possible to observe the change of Rita Baiana and Pombinha.

Keywords: Aluísio Azevedo. The Tenement. Rita Bahia. Pombinha.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FREUD E PLATÃO ANDROGINOS	11
2.1 Platão e seu discurso de homem incompleto.....	11
2.2 Freud e o ser livre	13
2.3 A diferença entre as duas teorias	19
3 O ANDROGINISMO	20
3.1 Androginismo biológico	20
3.2 Androginismo psicológico	23
3.3 As duas faces andróginas	27
4 BREVE HISTÓRICO SOBRE O NATURALISMO	28
4.1 Naturalismo no mundo	28
4.3 Naturalismo brasileiro.....	31
4.4 Aluísio Azevedo e sua contribuição ao Naturalismo	32
4.4.1 Biografia de Aluísio Azevedo	32
5 RITA BAIANA E POMBINHA	34
5.1 O cortiço e margens sociais.....	34
5.2 A ascensão do discurso sexual na sociedade do século XIX	37
5.3 Rita Baiana e sua frente psicológica	39
5. 4 Pombinha, uma mistura biológica e psicológica: a sexualidade sob a ótica da personagem Pombinha.....	46
6 RESULTADOS.....	56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O Cortiço é uma das obras que marcam a entrada do Naturalismo no Brasil, em sua narrativa objetiva mostrar as mazelas sociais da Sociedade carioca. O seu lançamento se deu no ano de 1890, trazendo em suas linhas aspectos Deterministas, mas que critica a sociedade burguesa e a segregação da camada pobre da sociedade, que era jugada como raça inferior.

A diferença de povos em um mesmo lugar é uma marca do livro, onde se encontra um português ganancioso, um Miranda invejoso e lavadeiras que passavam o dia buscando o pouco para o seu sustento, assim como a prostituição. Os personagens são vistos como animais que conseguem abdicar a razão para satisfazerem seus desejos financeiros e sexuais. E assim, a base de toda vida daquele local está submissa as constantes mudanças que o cortiço tinha.

Nesta perspectiva o trabalho intitulado: **ANDROGINISMO NA OBRA O CORTIÇO**: uma relação biológica e psicológica em Rita Baiana e Pombinha, objetiva compreender de que maneira o Androginismo age no cortiço, por meio do perfil de Rita baiana e Pombinha na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, a fim de observar as mudanças na representação das personagens.

A divisão dos trabalhos também ganha ênfase no livro, sabendo das mudanças impostas pela revolução das tecnologias, o trabalhador precisou mudar suas técnicas e a mão de obra qualificada era a procura constante dos empresários. Assim, muitas pessoas saíam de suas zonas rurais para melhorar a vida na cidade, outros advinham de outros países para tentar a vida no Brasil. E o melhor lugar que poderiam morar seria o cortiço, que além de ter um baixo custo, estava perto das zonas empresariais.

Por ser objeto e múltiplas análises, O Cortiço serve para o enriquecimento e entendimento de uma sociedade preconceituosa que ainda visa à mulher apenas como um objeto, sexo frágil, mas que pela força vai desconstruindo credences estabelecidas pelos antepassados e pela igreja. E assim, através da revolução de duas personagens, o cortiço passa a ter uma nova visão da mulher, a andrógina.

O que leva a escolha do determinado tema, está centrado na infinidade de possibilidades de estudos na obra O Cortiço. Um livro que em suas linhas aparece o povo e a face social de uma coletividade carregada de preconceitos. O

homem passa a ser visto apenas como um alvo do lugar em que se encontra e a marginalização e animalização é usada pelo homem para buscar os seus objetivos e prazeres. E ligando a teoria andrógina ao livro, pode-se ter um leque de análises.

E duas personagens importantes nesse contexto são Rita e Pombinha, ambas as mulheres que assim como os outros personagens, tentam buscar o seu espaço dentro da sociedade. E para isso buscamos entender e analisar os comportamentos vistos em Rita e Pombinha no “O Cortiço”, quando lutam para ter reconhecimento na sociedade. E como hipótese teve-se: A defesa de Rita contra o descaso social imposto pelos meios. Pombinha adaptável as pressões sociais. Os trabalhos impostos são divididos por meio das diferenças sexuais, visando o engrandecimento do homem no “O Cortiço”. As marcas Andróginas apresentadas em Pombinha na vertente biológica e em Rita na psicológica.

Algumas vezes, as ações geradas por parte das personagens eram vistas como algo desenvolto da bissexualidade, é importante observar que a ação das personagens era voltada para a sua melhoria. Por isso, onde houvesse desconfortos, as personagens enfrentavam para ajudar e melhorar suas vidas, e a de seus companheiros de estalagem. E por essas questões o androginismo ganha corpo para a resolução de problemas sociais silenciados, e que nesse momento passam a ser vividos e praticados pelas personagens. E quando usado ganha força para outras mulheres fazerem. E uma das quebras praticadas por elas foi a negação a submissão imposta pelos homens.

E com essas questões, os objetivos principais se baseiam em identificar como Rita Baiana age às mazelas sociais do cortiço; analisar a maneira em que a Rita e Pombinha são colocadas pelos personagens; discutir como a Rita muda seu perfil pela busca de seus interesses.

Diante disso, é preciso observar de forma minuciosa as vidas, os comportamentos e os pensamentos das duas personagens, para entender melhor que o agente de mudança é ligado em cada personagem, e como os outros personagens observam as duas mulheres.

A decorrente pesquisa será de forma bibliográfica, tendo em vista que o objeto abordado se baseia na literatura e na obra de Platão e investigação da mulher na obra através da teoria psicanalítica, representada por duas personagens. Para isso, será necessária a leitura de artigos, resenhas e fichamentos para embasar a teoria apresentada e assim chegar ao corpus da pesquisa e analisar.

A investigação será teórica-analítica, pois apresenta as teorias através dos personagens e por meio dela os analisa para chegar à conclusão da teoria e do trabalho monográfico. Tem-se como apoio teórico para explicar os temas por base dois livros, um para a literatura e dois para embasamento teórico. O literário é “O cortiço” de Azevedo (2012) e o teórico é “O banquete” Platão (2000) e as teorias de Freud (1923/2011), os quais ajudaram a esclarecer onde surgiu o Androginismo e como ele é implantado na sociedade, e a visão dos seres que o possuem e a diferença entre as demais pessoas da sociedade da época.

Logo, para a apresentação do corpus será analisada de duas maneiras. (I) Teórica: a teoria andrógina e seus ramos. (II) Analítica: a análise dos personagens através da teoria. Assim terá se comprovado através das análises o objeto que será trabalhado.

Em suma, a fim de se debruçar de uma interpretação, é necessário entender as múltiplas temáticas abordadas no Cortiço, e as críticas feitas para aquela sociedade e por meio da obra, buscar-se-á enxergar as contribuições que o livro trouxe para melhoria da sociedade atual.

2 FREUD E PLATÃO ANDROGINOS

2.1 Platão e seu discurso de homem incompleto

De acordo com Terzis (2010), o Mito de Andrógino é a história imaginária que se assemelha aos conceitos filosóficos da busca sobre a concepção do desejo, e anseio do homem para descobrir o seu lugar. Por isso, ele adentra nas culturas contemporâneas e por gerações busca explicar as inquietações da humanidade em relação ao desejo, a moral, e as emoções que martelam o psicológico humano desde o princípio. E dessa forma, torna-se necessário explicar o mito e a sua importância na ilustração para entendermos a diferenças dos gêneros.

Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra (PLATÃO, 2000/2003, p, 20).

Uma união entre dois sexos diferentes é o símbolo primordial para entender o ser andrógino. Nos escritos de Platão, observamos a visão positiva e boa do trabalho desse ser.

Os primeiros assuntos relacionados sobre o ser andrógino estão no livro “O Banquete”, de Platão. O mesmo explica pelo mito a gênese da distinção sexual, e expande a busca do homem pela sua metade perdida no mundo. Esta metade é a completude do ser andrógino que tenta de todas as maneiras se aperfeiçoar.

Essa criatura habitava na terra em paz, e o ser era tão incrível, que possuía os dois sexos, fazendo assim, o homem perfeito. A sua fisionomia era esférica, essa forma geométrica garante a ideia de perfeição total. Mas Zeus se enfurece e decide rachá-lo ao meio, fazendo com que as outras criaturas geradas por ele, tivessem o trabalho de procurar a sua metade perdida, voltando a antiga perfeição invadida, tornando-se um ser feliz e acabado, novamente.

Decerto é que, no Mito a real intenção não era falar sobre a origem do homem, pois o andrógino era separado do homem e mulher, tanto pelo nome,

quanto pela forma. E os escritos sempre frisavam o seu corpo diferente, pois ele tinha órgãos duplos:

“[...] dorso redondo, os flancos em círculo, quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas e dois sexos” (PLATÃO, 1991, p.12).

Os andrógynos eram diferentes em sua energia, pois tinha uma grande força e eram totalmente eficientes em seus trabalhos, e amavam o que faziam, se esforçando para almejar a perfeição em seus feitos. Mas essas peculiaridades acabaram por gerar, para os deuses, ameaças ao seu poder de dominação.

Os deuses não podendo matá-los, pois precisavam estritamente da sua força e eficácia na construção de seus templos, Zeus decide puni-los de uma maneira cruel, para que os seres não se esquecessem do seu poder. Então Zeus separou seus corpos em dois para deixá-los abatidos e tristes, fazendo com que seus prazeres e suas alegrias acabassem, já que, não mais existiam os dois corpos em um.

“[...] os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornados mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando (PLATÃO, 1991, p.12).

Depois dessa separação surgem os problemas. O primeiro relatado mostra a necessidade de união dos andrógynos, e conseqüentemente pela sua necessidade, as metades passavam todo o tempo enlaçadas, tentando lembrar a felicidade antes da separação.

O segundo problema aparece em decorrência ao primeiro. Já que os andrógynos passavam os dias enlaçados, temendo a separação, não se afastavam em nenhum minuto para atender as necessidades fisiológicas. Outros acabavam morrendo de fome, e dessa morte do amado surge o terceiro problema.

Mediante a morte do outro, a metade que ficava, corria ligeiramente para buscar outra, para se completar e essa busca não tinha restrições. Muitas ocasiões as partes se entrelaçavam com partes iguais, sendo homem com homem, ou mulher com mulher, e outras conseguiam encontrar a parte do sexo oposto, homem com mulher.

Arrependido do estrago feito, Zeus resolve mudar a localização dos órgãos sexuais. Antes o órgão reprodutor era para a parte detrás do corpo, assim seria complicado do ser saber quando estava entrelaçado com um ser do sexo semelhante, nesta configuração poderia ser gerada uma nova raça, por conseguinte, uma nova ameaça para Zeus. Então ele decide colocar o órgão reprodutor na frente e os seres poderiam ir atrás da parte que lhe completaria de verdade.

Antes de tudo, da praga mandada por Zeus, a reprodução dos andrógynos era diferenciada, já que esta reprodução era pela fertilidade da semente. Eles colocavam na terra, e assim como a cigarra, os seus frutos eram gerados.

Pode-se observar que o trabalho feito por Zeus, tinha como o interesse, prejudicar e humilhar, mostrando o seu poder através da tirania. Separando e castigando, foi à maneira de mostrar aos outros seres que as ameaças que qualquer um fizesse, poderia ser punido de maneira pior.

A perversidade estava no coração do deus, pois ele já sabia que essa separação daria um grande sofrimento aos seres, e mesmo assim continuou com o seu plano. O real motivo dessa separação era acabar com a audácia e com o poder dos dois seres juntos.

2.2 Freud e o ser livre

Os mitos eram narrativas fantasiosas que tentavam explicar algumas inquietações humanas. E por ter uma grande importância na Grécia, é perpassado por anos até chegar o momento de ser um objeto de estudo de muitas áreas, inclusive a psicanálise, que se aparece através de Freud e sua explicação dos comportamentos e pensamentos advindos do extraconciente do psiquismo. Sabendo que a área estudada está com pareia ao mito de Édipo, usa-se Supereu, para explicar os desejos e prazeres reprimidos no passado. E assim se descobre como o andrógino estava trancado pelo processo preconceituoso da sociedade quando se falava no tema da bissexualidade sexual e psicológica.

A primeira questão apresenta o pai e a mãe como seres que possuem funções e são objetos de transformação na vida dos filhos. A função materna e paterna é essencial no desenvolvimento humano, mas esse trabalho pode ser exercido por outras pessoas que, na falta de pais biológicos, assumem esse papel,

mesmo com a ausência do objeto (os pais), que na maioria das vezes morrem ou se separam, ou ainda se remetem à diversidade sexual e de gênero. Para isso, a Psicanálise apresenta uma inovação dessa função, que perpassa a materna e paterna e vai mais a frente dos gêneros (masculino e feminino), e diferenças sexuais físicas.

Desse modo, as primeiras descobertas surgem para acender dúvida edipiana que abrirá caminho para o problema imposto nas diferenças sexuais. E nesse decorrer, em “O eu e o id”, Freud terceira uma problemática baseada na dificuldade processual de identificação com o pai e a mãe, no processo do período sexual. Daí abre-se o entendimento das dificuldades em específicas como são as escolhas da natureza triangular que se dá na tessitura edípica e a bissexualidade no corpo dos indivíduos.

Alguns fatores procuram responder a forma em que a heterossexualidade aparece e destina a criança no processo de Édipo. Mas esses fatores também dão ênfase no processo bissexual do indivíduo, que aparece como um entrave na tentativa de identificações no processo de evolução da criança. E dentro do processamento, tenta responder as questões indeterminadas na relação das crianças com os pais. Como Mezan (2014) coloca, é possível presumir que, desde Dora e seu conflito bissexual que não fora analisado a tempo, Freud se debruçou a investigar a ambivalência em relação aos dois genitores, o que o teria levado a construir a versão completa do complexo de Édipo.

Primeiramente, Freud (1923/2011c) aborda Édipo no sexo masculino, em sua configuração positiva. E o seio da mãe é o modelo escolhido pelo objeto, partindo para a aquisição da criança, que vê a mãe apenas como um objeto, e o pai como uma figura e identificação.

Em um grande período, o pai e a mãe estiveram sempre no enlaço, mas quando a criança ativa os seus impulsos sexuais pela mãe, o pai acaba se tornando uma barreira para os impulsos. E aí aparece o complexo, que trazendo uma atitude confusa em relação ao pai, dentro de duas fronteiras, a ternura e hostilidade.

Ameaçado de castração, o filho procura abandonar o investimento na mãe e isso pode fazer com que a criança se identifique com ela ou ganhe força a aproximação com o pai. E Freud acredita que essa mudança permite o fim e a consolidação da masculinidade no caráter do menino.

Na menina, Édipo fixa-se da mesma maneira, o seu comportamento confuso com a mãe poderia brotar um fortalecimento, fixando a relação das duas (mãe e filha), e apoiando na criança o estilo feminino. Mas um entrave aparece na teoria, Freud (1923/2011c) encontra um problema inesperado capaz de fazer com que o “eu” não se identifique com o objeto abandonado (a mãe).

Assim, as meninas, acabando de renunciar o pai como objeto de amor, cria dentro dessa figura paterna (o objeto perdido) uma identificação. Sendo que o lugar de identificação deveria ser da mãe, desta forma a menina dando espaço ao pai, aguçaria a sua masculinidade.

Dessa maneira, o grande entrave na teoria estava na figura feminina que seria mais complexa do que imaginava. E dentro desse enlaço Freud (1923/2011c) fala que o grande problema seria se a mulher dentro de suas características teria as mesmas aparências biológicas que os homens “se suas disposições masculinas são fortes o bastante”.

Nesse contexto, Freud apresenta as barreiras que diferenciam os homens das mulheres na teoria edípica, na identificação dos pais. E é nessa confusão que as disponibilidades bissexuais aparecem, dando uma interferência no processo de Édipo.

E logo, nascem duas teorias de Freud (1923/2011c) que estão baseadas na duplicidade do complexo, o Édipo positivo (clássico), e o negativo, que seria onde a bissexualidade dentro de cada criança acaba mudando o destino da psicosexualidade. É aí que a atitude confusa com o pai, faz com que o menino escolha o objeto mãe, convive a menina dando uma atitude afetuosa com o pai e se relacionando com a mãe através dos ciúmes e hostilidade.

Ademais, mesmo descobrindo tais diferenças, Freud só em 1931 passa a trabalhar com as diferenças entre as duas teorias, a positiva e a negativa. Para a mulher, a mãe é o objeto de amor, com quem vai conviver com um tempo e manter uma relação intensa. E diferente do homem que tem duas partes conservadas, a menina terá dois trabalhos muito difíceis, trocar o objeto desejado e de zona erógena. Assim como na fase fálica, em que a zona erógena da menina é o clitóris e que deve mudar para a vagina, na edípica a menina deixa o amor da mãe e busca o pai como esse objeto amoroso.

Assim, Freud (1931/2010e, 1933/2010b), apresenta dois vieses para o Édipo feminino, um que se identifica com a mãe e busca o amor paterno, e outro que

nega-se a castração e ainda no processo se identifica com o pai e hostiliza a mãe. Essa hostilidade ocorre de acordo com Freud pelo fato da mãe não ter lhe concedido um pênis, e da dominação da masculinidade na sua composição bissexual. E dentro dessas fases surge a terceira que abrolha a sexualidade feminina baseada no bloqueio da atividade sexual, causando assim uma formação de indícios neuróticos.

A partir desse novo desenrolar sobre a sexualidade infantil, Freud (1931/2010, p. 374) certifica que não poderá trabalhar a teoria se não buscar primeiramente a resolução e o entendimento da fase de ligação pré-edípica com a mãe. Essa relação deu um novo entorno de mudança acentuada que Freud (1931/2010e) precisou comparar a ligação pré-edipiana da garota com a descoberta da civilização minoico-micênica por trás da grega.

Depois de um tempo, em 1935, Freud na “Autobiografia”, reconheceu que havia diferenças acentuadas entre os homens e mulheres, especificamente sexuais e a igualdade que fazia entre os dois parecia ser injusto, pois em sua análise o ponto principal seria apenas a figura masculina. Pode-se entender que o psicanalista demonstrou que sua teoria não seria suficiente para abranger as instabilidades psíquicas, que nos nomeia como seres compulsórios.

É necessário ressaltar que a masculinidade inscrita na mulher não é idêntica à masculinidade em um homem. E conseqüentemente o feminino da mulher é diferente do feminino do homem. Dessa forma Christian David afirma que:

...os esquemas conscientes e inconscientes são sempre diferentes e não invalidam os modelos teóricos e a lógica determinante do inconsciente, mas refletem a complexidade psicosssexual humana, para ele, “característica não tanto incognoscível, mas inesgotável de Eros” (DAVID, 1997, p.154).

Assim, se apresenta o complexo de Édipo completo, mas com complexidades e confusões ainda não respondidas no método de subjetivação. Alguns estudos mostram que os processos devem acontecer de maneira diferente, nas identificações e desprendendo das resoluções binárias, procurando resultados, oposição de identificações. E Freud (1923/2011c) apresenta uma nova matriz edipiana que darão diferentes pesos aos componentes masculinos e femininos, agindo de acordo com as necessidades intensas ou não.

Então, observa-se que a bissexualidade abordadas por Freud apresenta muitas vertentes, e essas atravessam identificações cruzadas do Édipo:

A elaboração das pulsões bissexuais que vão ao encontro dos objetos primordiais e a aceitação da castração tornam-se determinantes para a dissolução do complexo edípico, no amplo movimento de diferenciação que

ele promove, e o surgimento de seu herdeiro, o supereu. De outro modo, o impasse diante da ambivalência afetiva e da castração imobiliza o sujeito e o coloca diante de uma escolha impossível, num estágio inacabado de elaboração da bissexualidade originária (BEETSCHEN, 2016; CHABERT, 2016; DELOUYA, 2003).

Dentro das perspectivas analisadas em Dora, do Homem dos Ratos, do caso Schreber e do Homem dos Lobos, a bissexualidade aparece com a função de negação, ou uma rejeição a castração que o complexo de Édipo fazia. E segundo Delouya (2003):

...esses clássicos casos clínicos de Freud nos revelam que, seja qual for o movimento em relação à castração, todas essas defesas expressam um recuo para a bissexualidade originária. Se a bissexualidade tem ação organizadora ao nível das identificações, especialmente as cruzadas do conflito edípico, por outro lado a fantasia da bissexualidade constitui uma defesa da castração e da elaboração da diferença dos sexos (DELOUYA, 2003; P. 34).

Deve-se entender que todas as dificuldades do trabalho de aceitação sexual, está ligada ao narcisismo intrínseco que domina o ser e Chabert (2016) e Haber (1997) apresenta o polo narcísico que apresenta a bissexualidade psíquica, que aparece como psicopatologias. Eles reforçam que os pacientes narcísicos são frágeis na personalidade e reagem fragilmente as separações, mas com a fragilidade, consegue se fortalecer e ser racionais, e apelam para serem reconhecidos e reconhecer suas individualidades, em seu volume narcísico. E dentro desse segmento, a bissexualidade psíquica prevalece, mesmo não sendo hierarquizada pela identidade sexuada.

“O caminho esperado na travessia edípica com o destino bissexual é elaborar e integrar na mente uma acompanharia a instalação serena numa identidade de gênero” (Guignard, 2009, p. 27), onde o masculino e feminino do ser se unirá. E os desejos bissexuais se afluíam para se integrar, formando uma organização do acréscimo e evolução da mente. E assim como no andrógino, e a completude de sua metade é buscada, o bissexualidade procura o seu ponto.

A mente tem o trabalho de harmonizar e integrar os afetos que passam na teoria edípica, colocando a bissexualidade na mente adulta, que consegue dialogar com muitas instancias da mente, sabendo está do lado masculino e feminino. Assim o homem e a mulher poderão tirar o melhor de todo os lados da mente necessidades que lhes ajudarão a harmonizar a sua vida. Dentro da teoria Bokanowski (1997), coloca que a mente usa de recursos naturais advindos da bissexualidade para a

defesa de suas satisfações, movimentos que se ajudam mutuamente, favorecendo a mente mais flexível, livre e independente.

Diante das ideias apontadas por Freud, há uma grande oposição dos elementos masculinos e femininos, todas as diferenças são apontadas no complexo de Édipo, quando se sujeitam ao campo da bissexualidade. Assim, consegue-se autorizar uma separação na visão da diferença binária de sexos (conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores da cultura) e a heterossexualidade como um escape ideal. Com virada das ideias, Freud apresenta um novo viés em suas teorias, recomendando a devolução do campo biológico, o sinal sobre a afirmação da diferença nos sexos.

Dentro do artigo “Análise terminável e interminável”, feito pelo psicanalista há uma apresentação relacionada ao masculino e feminino dentro dos homens e mulheres, dando enfoque as resistências implantadas pelos dois sexos no processamento terapêutico, que anteparam as mudanças que seriam feitas. O grande impedimento do processo está nas atitudes repudiáveis ao feminino que marcam a vida da humanidade e que desafia o analista. Dentro dessa barreira está a mulher com a inveja do pênis e seu desejo de ter o órgão masculino está na maior resistência de análise, e logo depois vem o homem com sua luta em deixar as atitudes passivas ou uma feminilidade para com outro homem.

Mesmo entendendo os processos relatados, Freud não se sentia animado com relação aos trabalhos feitos para a superação do processo resistente, pois só a resistência do Eu nas relações não era a justificativa concisa para uma análise sem sucesso. E o próprio Freud entende que a cobiça da mulher para ter um pênis e o homem passivo com outros homens, vai além de uma atitude psicológica. O processo que passa do psicológico é uma ação do biológico humano, pois Freud(1937/1987a) afirma que: “O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (p. 270).

Entende-se que depois de todos os estudos, Freud conseguiu perceber as limitações de não ter identificado as posições bissexuais dentro da teoria de identificação de Édipo, ainda mais quando se tratava da feminilidade que resultava no complexo de castração. Dentro da teoria Freud ainda colocava o fator biológico como repúdio da feminilidade, e assim, se assemelha a Fliess, mesmo desaprovando a ideia de que o recalque seria puramente biológico, sem o fator psicológico.

A partir dos estudos de Freud, podemos entender o espaço em que a bissexualidade está colocada na sociedade mundial. Ao visto psicológico as questões bissexuais sempre eram abordadas apenas numa visão de análise masculina, e a feminina sempre era um objeto de estudo com dificuldades.

Dentro do mesmo caminho, os objetos psíquicos e biológicos sempre eram tratados como distantes, tendo uma barreira que os dividiam em lados opostos. Só com o entendimento e estudo dos dois lados juntos, começou a reviravolta e um novo olhar para o juízo das mudanças dos seres humanos, quando se tratava da bissexualidade.

Diante disso, podemos apresentar a teoria andrógina baseada nos estudos de Freud, visando às condições de um Édipo positivo e negativo, e o recalque causado pela teoria. Para aprofundarmos o androginismo biológico e psicológico entenderemos as transformações sociais causadas e as duas faces, no decorrer do trabalho.

2.3 A diferença entre as duas teorias

Enquanto Platão buscava explicar o motivo dos encontros dos dois lados, também apresenta o perigo e ameaça que esses dois cursos podem fazer para os deuses. Zeus é a total representação de uma sociedade que se sente ameaçada quando descobre um andrógino. Quando Zeus separa o ser dois lados, ele representa os preconceitos sociais que reprimem, e tentam acabar com as vontades e os comportamentos andróginos.

Já a teoria freudiana por meio do Complexo de Édipo apresenta o androginismo como uma reação intrusa no corpo e na mente humana que fazem com que as pessoas com o complexo não sejam vistas de maneira correta. Por isso, a necessidade de descobrir a masculinidade e feminilidade que cada pessoa tem em sua psique.

Assim, as duas apresentam como o androginismo era visto na sociedade e por meio da ciência, e dessa mesma maneira, apresentaremos as personagens da obra “O Cortiço”.

3 O ANDROGINISMO

3.1 Androginismo biológico

O androginismo pode ocorrer de algumas maneiras: quando o homem não consegue desenvolver características masculinas, e a mulher as femininas. Os estudos mostram que esses desenvolvimentos naturais que humanos possuem, possam acontecer de forma tardia, ou não ocorrer em alguns.

Os homens podem desenvolver aumento das mamas, voz fina e apesar de desenvolver o pênis, o objeto normalmente é estéril, pois não consegue desenvolver espermatozoides, fazendo com que o homem possa ter o caráter sexual e a capacidade mental afetada.

Sexo psicológico: independente do sexo do indivíduo, ele pode se comportar como sendo de seu sexo ou do sexo oposto, em decorrência de desajustes hormonais, psicológicos ou sociais, como a educação, a família e a religião, pode influenciar no comportamento sexual e até mesmo originar os chamados: desvios patológicos que são os diversos distúrbios do instinto sexual, dentre eles encontramos um dos mais graves que é a pedofilia (predileção pela prática de ato sexual com crianças, hétero e homossexual). (GUERRA, 2019 p. 230).

Dentro de uma grande dúvida do que aconteciam com o corpo humano, os romanos quando encontravam crianças que possuíam tais diferenças ou que eram hermafroditas, acabavam sendo eliminadas da sociedade alegando que elas seriam aberrações, que fugiam do natural e não poderiam viver na sociedade. Mas com o passar dos séculos, o Império passa a aceitar as ambiguidades, mas o sexo que a criança ia seguir era escolhido pelos líderes, de acordo com o sexo que eles achavam prevalente na criança. Depois da diferença física, a questão moral, pois eram atribuídos aos homens que não correspondiam aos padrões impostos, a identidade feminina.

Para se tornar um homem público, era necessário ter um comportamento másculo para se dominar a política e retórica. Essas características eram especiais aos políticos, pois se houvesse alguma falha na sua masculinidade, seu oponente o atacava e tornava público aquele desvio. Então, necessitando se distinguir o másculo do afeminado criou-se matérias que usavam a ciência para interpretar as características dos homens como: expressão facial, qualidade tonal, gestos e comportamentos, tudo observado pela Fisionomia. Assim:

O homem não másculo poderia ser distinguido pela voz rouca, cabeça inclinada, sobrancelhas levantadas, movimentos rápidos e passo leve. De fato, a não masculinidade podia se mostrar em qualquer parte do corpo - o olho, a mão, o peito, o testículo ou o pé – em que a esquerda do par era maior que a direita ou na qual a parte esquerda da cabeça, nariz ou lábios era mais proeminente do que a do direito. Sem dúvida, a disposição esquerda do corpo revocava a direção da semente masculina à parte esquerda do útero quando o homem não másculo foi concebido. (KUEFLER. 2001, p. 25.)

E logo a medicina por meio do escritor Célio Aureliano aponta os homens afeminados como um ser que não se enquadra na natureza humana, e que tinham uma doença eterna, que levaria o homem a uma fase sem autocontrole e virilidade, sendo que o autocontrole era a chave para obter a cura de todas as doenças, e esses seres não possuíam. Daí se olha a diferença entre homens e mulheres impostas nos séculos passados, onde representavam as características femininas como algo não natural e que qualquer homem que as tivesse, seria uma aberração da natureza.

Nos processos civis, eram isolados, pois não poderiam fazer os mesmos papéis dos homens, então eram excluídos de cargos como assessores e não podiam testemunhar nos processos judiciais, e nem podiam acusar outros homens, só podiam em caso de traição. Então eram colocados como mulheres, sem direitos.

Depois de um tempo, Feud aparece explicando as diferenças de gêneros e como eram colocadas na sociedade. O mito que mexia com o imaginário da humanidade sobre o começo dos casais através da divindade andrógina, era colocado por muitas religiões. E com o aumento da ciência o androginismo ganha força como:

Este termo foi adotado pela sexologia dos anos 1890 por herança do darwinismo e da embriologia e designava “a existência, na sexualidade humana e animal, de uma predisposição biológica dotada de dois componentes: um (componente) macho ou masculino e um (componente) fêmea ou feminino (ROUDINESCO&PLON, 1998, p. 71).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Freud passa a ver a bissexualidade como uma instalação inconsciente do psicológico, cômoda de toda subjetividade dos humanos, já que ela está embasada na diferença sexual, fazendo o ser escolher o sexo, podendo ser pelo recalque de um dos dois elementos da sexualidade (masculino e feminino); ou o consentimento dos dois componentes, ou então pela renegação de diferença sexual. E é na ultima que Freud concentra seus

estudos sobre bissexualidade, mostrando identificações masculinas e femininas na mesma pessoa, intervindo em sua teoria sobre o Complexo de Édipo.

Então Freud (1901/1986, 1905/1987f, 1908/2015, 1919/1987) sabia a necessidade de discorrer sobre a bissexualidade para entender o que acontecia com as revelações sexuais em homens e mulheres e a sua escolha objetal, que aclararia a oposição entre a heterossexualidade e homossexualidade. No intuito, Freud procura estabelecer uma relação que girava em torno do masculino como ativo e o feminino passivo. Mesmo sabendo que os termos eram confusos. E Freud(1913/1987e) até os coloca com a mesma aparência:

Aquilo de que falamos na vida comum como ‘masculino’ e ‘feminino’ reduz-se, do ponto de vista da psicologia, às qualidades de ‘atividade’ e ‘passividade’ – isto é, a qualidades determinadas não pelos próprios instintos, mas por seus objetivos. A associação regular destes ‘ativos’ e ‘passivos’ na vida mental reflete a bissexualidade dos indivíduos, que está entre os postulados clínicos da psicanálise. (p. 127).

Ainda nos põe a problemática sobre a masculinidade e feminilidade, que a mistura das identificações, vistas em cada pessoa é o lugar onde desejamos e onde nos colocamos diante do mundo, e nos faz pensar o masculino e feminino além do ponto biológico. Freud (1905/1987) apresenta a ideia de que só exista uma libido, de natureza masculina, e acaba reforçando a tese de masculino-ativo versus feminino-passivo na dinâmica psíquica. Nos seus escritos o psicanalista apresenta uma diferença entre homem e mulher, quando fala que se conseguisse conceituar masculino e feminino de forma mais concisa “seria possível defender que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (p. 207).

Dentro dos três ensaios feitos, a preocupação de Freud estava em mostrar para as pessoas como o masculino e feminino em suas diferenças estavam entre os temas mais confusos e perturbadores da ciência. Pois havia uma grande diferença entre as crendices populares e o saber científico estabeleciam três sentidos para tais noções de masculino e feminino: o de atividade e passividade, o biológico e o sociológico.

Dentro das atividades e passividades, a psicanálise de Freud (1905/1987f) mostra a libido como algo masculino, com a atitude ativa da pulsão, mesmo que esse busque metas passivas. E dentro do ponto biológico a atividades que manifestam agressividade estavam do lado masculino. E no terceiro ponto, se faz uma relação dos seres masculinos e femininos em seu convívio social.

Na definição do social, a masculinidade e feminilidade são resultados das assimilações estruturais do Eu que de acordo com a cultura é lhe atribuído os ideais de gênero. Desde quando nascemos, nos designam homem ou mulher, e essa imputação de acordo com Jacques André (2015), “Ultrapassa muito a simples constatação, implicando uma massa de representações em rosa ou azul que precedem em alguns séculos, ou milênios, a criança que vêm ao mundo” (p. 1715), submetendo o ser para um fado social.

E Freud lança a teoria em torno do masculino e do feminino, onde a masculinidade e feminilidade puras não existem, tanto no sentido biológico quanto no psicológico. “Em cada pessoa se observa” uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os do sexo oposto e uma conjugação de atividade e passividade” (Freud, 1905/1987f, pp. 207-208).

Dessa maneira, (Freud, 1925/2011) entende que só podemos observar masculinidade e feminilidade de um jeito impreciso através das construções teóricas, pois as características vão aparecendo em cada pessoa, de forma especial e de acordo disposição bissexual e a herança genética cruzada.

Mesmo com todas as dificuldades em saber sobre o masculino e o feminino na psicanálise, no seu tamanho psíquico, precisamos entender que as análises estavam baseadas na sua cultura da época, e que mesmo escutando as angústias das mulheres, seu trabalho ainda se baseava na explicação de ações relacionadas aos homens. Por isso que, pelo meio cultural colocou atributos de passividades ao feminino e atividades ao masculino.

3.2 Androginismo psicológico

Desde o surgimento das ideias clássicas de Platão, as ideologias aparecem na sociedade de forma complexa e dualista: racionalidade / irracionalidade, ativo / passivo, branco / negro, razão / desejo, cultura / natureza, objetivo / subjetivo, masculino / feminino, os grandes opostos que são divididos de forma distante. Do mesmo modo, a história humana acompanha a dualidade sexual, relacionando características de cada sexo como: para o masculino a razão, a independência, a assertividade, o ativo, a cultura, a autonomia, o poder, o objetivo, o abstrato, a universalidade, o público e a auto-expansão são descritos, ela é definida com os termos / agentes instrumentais.

Já as características femininas eram relacionadas à área sensível como a afetividade, a emoção, a natureza, o passivo, o particular, o subjetivo, o privado e a capacidade de relacionamento interpessoal, são colocados como expressões de comunhão. E a maneira que cada uma é classificada se chama “Identidade de Gênero”, e este se torna o molde colocado para observar qual papel a pessoa irá assumir, se está identificado ao masculino ou feminino. Desse modo, o ser conseguirá desenvolver o seu psíquico de acordo com o gênero escolhido, e assim se comportará usando as características específicas do sexo seletivo. Dentro do ponto de vista biológico, como já vimos os psicanalistas pensam de um formato e as abordagens cognitivas em outro.

Desde a criação dos movimentos feministas dos anos 70, houve uma inquietação em desvendar as deficiências nos papéis masculinos e femininos, acreditando que para a nova sociedade industrializada e com reformulação dos trabalhos, os serviços não mais exigiam força bruta e sim uma formação educacional, pois havia empregos em que as mulheres conseguiam desempenhar dominância e autoridade, e o homem por outro lado, desempenhava cargos que necessitavam cooperação e um nível de emoção. Cada serviço, antes dessa época, era colocado somente para as classes que estavam de acordo com o sexo imposto.

Alguns acham que o movimento feminista, desestabilizou as crenças que serviam de referências estáveis. Na verdade, o que ele fez foi mostrar o rei nu. Ao acabar com a distinção entre os papéis masculino e feminino e assumir sistematicamente todos os campos que antes eram reservados exclusivamente para os homens, as mulheres desmantelaram o que universalmente caracterizava os homens: sua alegada superioridade sobre as mulheres. (KUSNETZOFF, 2002, p 231).

Há suposição que, pelos mesmos motivos, nos anos 60 os homens começaram a se perguntar sobre a sua figura masculina. Pois foi só depois das invertidas femininas que a desestabilização das crenças surgiu e serviram como uma seta de indicação ao lugar de pertencimento de cada pessoa.

...desde os primórdios do patriarcado, o homem sempre se definiu como um ser humano privilegiado, dotado de algo a mais, que as mulheres desconheciam. Ele se considerava mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criativo ou mais racional. E mais, justificava sua relação hierárquica com as mulheres ou, pelo menos, com a própria esposa. Com o progressivo desaparecimento deste mais, o homem se depara com um vácuo de definições. Há motivos, então, para sentir angústia por todos os jovens que navegam atentos para evitar duas

armadilhas: não ser suficientemente machista ou ser machista demais (TRELLEZ, 2002, p. 231).

Nesse contexto, Carl Jung (2003), apresenta em sua teoria a ideia de que: “O problema dos opostos invocados das sombras, representa um papel importante e decisivo na alquimia, pois é esse problema que, na Obra, acaba levando à união de opostos na forma de Hierosgamos ou "casamentos químicos". Sendo assim, na união dos opostos cria-se uma unidade incorruptível, e se forma a androginia (de andros - homem, e gyné - mulher), onde o feminino e masculino se unem e absorvem o seu melhor papel na identidade sexual, para buscar a pureza.

Já os gregos viam o andrógino como um ser que possuía os dois sexos, mas que por punição de Zeus é separado as duas partes. E a situação acontece pela ameaça que o ser andrógino fazia aos deuses, pois eles tinham as melhores características em si, e podiam viver sem precisar dos deuses.

A androginia é um processo de conhecimento e uma construção coletiva, onde os homens e mulheres buscam espaço para criações conjuntas, e dessas criações aparecem muitas posições e diferentes saberes: (Andro - conhecimento do logos, Ginea - ideia de ascensão espiritual phatos) e assim consegue reunir saberes da natureza com o coletivo.

“o saber ancestral também tem um espaço nesse processo, em consonância com a construção de uma pedagogia ambiental em que se avança por meio de uma articulação de práticas, identidades e saberes, saberes científicos e saberes populares; é a prática na qual o ser (individual e coletivo) se forja no conhecimento” (LEFF, 2005, P. 1)

As qualidades masculinas e femininas se unem fazendo o ser ter talentos e qualidades extraordinárias nos relacionamentos sociais e com a natureza, assim o ser tem a total consciência do que ser e do querer ter. A androginia une os pensamentos e faz a adesão de posições, práticas, identidades e saberes para compor uma relação complexa e reflexiva dos valores praticados e a preocupação com o ser e a realidade tornam-se a base para os olhares.

Os pensamentos andróginos e pessoas andróginas buscam valorizar o seu intelecto e comportamento, assim como o físico. Assim, busca desenvolver as qualidades duplas para observar diferentes comportamentos e ações a se fazer e há situações que essas dualidades podem ser a testosterona agressiva feminina no mundo masculino, o resgate da afetividade perdido pelo homem, e a vestimenta de roupas íntimas que não possuíam ao se gênero, uma estética particular, fazendo

uma mudança na vista por não usar peças do seu próprio sexo ou estender-se a moda neutra.

Nas mulheres, as roupas que não modelam seu corpo, seu corpo magro, homens com poucas musculatura, e mulheres magras que ocultam as formas da mulher como pernas, seios e exaltação dos corpos dessexualizados, os homens passam a se maquiar não com traços femininos, mas como uma forma de exaltar sua estética. Assim como nas mulheres a beleza é atenuada, os homens procuram cortes de cabelo médio.

Nesse sentido alguns não procuram essa mudança estética, outros se posicionam em pensamento na aceitação do gênero. É importante esclarecer que não existe determinação de sexo, pois se fala sobre identidade do gênero e não objeto ou desejo sexual. Assim, pode-se falar que o andrógino não está encadeado apenas em ser homossexual, bissexual ou hermafrodita, mas uma relação entre características que fazem o ser reconhecer o seu papel social e os papéis carregados pelo feminino e masculino para atuar na sociedade e isso se chama Androginismo psicológico.

Através do androginismo o gênero neutro ganha seu espaço social, mostrando que uma pessoa não seria masculino e nem feminino, os não assexuados, aparecendo os homens afeminados e mulheres masculinizadas dos anos 60.

E em 1972 a ascensão andrógina psicológica veio por meio do rock, pop e as novas propostas estéticas advindas dos gêneros musicais. Ganhando espaço na Europa e nos Estados Unidos através da música e estética, os clubes e bandas viam com glamour o movimento andrógino popular, com suas maquiagens e roupas andróginas, sem separação de masculino ou feminino, sem deixar de ser mulher ou homem. Observando a explosão andrógina, a moda estendeu a ideia de mostrar a beleza corporal baseada nos novos modelos de pensamento, tendo roupas mais apertadas aos homens que traziam igualdades as roupas femininas.

Com o surgimento da modernidade, a humanidade começou a tentar responder questões sociais do pensamento, tentando buscar uma verdade aos problemas. E a descoberta dos desejos humanos leva o discurso de mudanças de pensamentos, reconhecendo os espaços de cada pessoa. Com o aumento de produções andróginas, o espaço foi aberto aos que antes eram excluídos por pensar

de uma forma dual. E agora podemos dizer que o homem e a mulher podem se vestir, se comportar e pensar como quiserem.

3.3 As duas faces andróginas

Como se viu, o Androginismo vai além de comportamentos, práticas sociais e afetos, e está nos conjuntos de fatores que afetam algumas instâncias físicas e do nosso pensamento, e pode ser uma ligação entre os dois. Pode aparecer na vestimenta, nos gestos, no costume diário, nas relações com outras pessoas, no que se assiste e lê e nas músicas escutadas.

Diferente da androginia fisiológica e sexual, o andrógino pode se apresentar com muitas potencialidades. Mas que ainda há barreiras que fazem com que os seres andróginos se escondam e esses empecilhos são as leis, na religião, na moda, na estrutura familiar, etc.

Então, na ideia de pensamento, a androginia aparecia e desaparecia ao longo da história. Mas em todos os tempos aparecia com as inquietações que faziam conflitos na sociedade, mostrando que ainda entraria como uma questão que deveria ser aceita pela sociedade, aparecendo as ambiguidades do sexo, e a ciência sempre abrolhava colocando fronteiras entre o gênero. Essas fronteiras sempre eram culturais e as regras dando proteção que se baseavam apenas nas verdades de acordo com as necessidades econômicas, e a vontade política na manutenção de poderes.

Então imagine que o andrógino nunca desapareceu por completo. Podemos acreditar que a imagem antes relacionada ao ser, começa a desaparecer e forma-se uma nova visão andrógina baseada nos gostos e na cultura mentalizada por eles. E aqui vamos trabalhar essa nova cultura andrógina, que adentra nos aspectos feministas e a luta para ganhar reconhecimento ganha força, e a virada das vontades ganha espaço.

4 BREVE HISTÓRICO SOBRE O NATURALISMO

4.1 Naturalismo no mundo

A fase naturalista na literatura demonstra o homem como resultado de forças “naturais” e, no decorrer do tempo, desenvolveu temáticas que envolvem o comportamento do indivíduo em um nível patológico e animalesco (CABRAL, 2014).

São diversas as práticas típicas naturalistas no século XIX no Brasil e essas surgem por meio de temáticas variadas, de acordo com a atividade realizada pelo povo brasileiro. A dança, por exemplo, é uma prática que se desenvolveu de maneira intensa no século XIX e se uniu às manifestações brasileiras que existiam no país.

Os movimentos literários de prosa e poesia prosperaram na metade do século XIX, adentrando o século XX, sendo eles: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. Desses três movimentos, dois devem ser vistos como movimentos próprios do século XIX, que são o Realismo e o Naturalismo. A existência do Naturalismo é comprovada por meio de atitudes contrárias à espiritualização exorbitante, já existentes nas locuções do erotismo barroco e na ficção naturalista do século XIX (COUTINHO, 1997).

No século XIX aparece uma tendência que unia muitas correntes literárias, e essa união corrobora para a criação do realismo. Com a passagem do romantismo para o movimento realista, outra parte da literatura foi ganhando espaço, o Naturalismo. O Simbolismo, que surge na mesma época, procura por meio das particularidades humanas, uma evolução que visava o interior humano. Dentro de uma briga de espaços entre Classicismo e Romantismo que as novas três partes da literatura começaram a ganhar espaço. E logo se vê que o Realismo, Naturalismo e Parnasianismo estão contra a correnteza dos ideais do Romantismo.

Por ter certa ligação em tempo e espaço, o Naturalismo acaba se apropriando de algumas ideias do realismo como: a objetividade predominante, a verossimilhança, a análise das tipologias humanas, tudo isso acrescidas da visão totalmente científica (SILVA, 2014). E nesse contexto, surge em 1881 o Naturalismo brasileiro e o Realismo. As obras que marcam determinado surgimento são: Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis e O Mulato de Aluísio Azevedo.

4.2 Naturalismo

O Naturalismo ganha espaço no mundo literário através de Emile Zola, com a obra *Germinal*, na França em 1870. O livro fala de uma família quem em condições desumanas, trabalhavam em uma mina de carvão, trabalho feito por operários e seus filhos que necessitavam do pouco para sobreviver. Essa classe trabalhadora surge em detrimento da revolução industrial que ocorreu pouco tempo antes, e o surgimento do capitalismo social e econômico passa a alavancar empresas privadas e uma superprodução de matérias aumentavam os lucros, e essa grande demanda acaba em buscar mais trabalhadores para conseguir bater as metas propostas. Nesse mesmo período o salário passa a ser uma maneira de exploração e escravização, buscando todas as foças do trabalhador, pagando o mínimo.

E com o aumento dos empregos, a migração para as metrópoles passou a ser latente. Essas pessoas saiam de suas cidades para trabalhar nas indústrias, e as condições de moradias acabam sendo as piores, e os cortiços passam a ganhar espaço como habitação dos pobres trabalhadores que não podiam comprar casas para morar. O Naturalismo passa a criticar os ideais colocados no Romantismo. Os personagens eram os mais criticados, além dos cenários que tratavam apenas dos centros burgueses, e o sofrimento colocado nas obras românticas, tanto moral como material.

Dentro das escritas naturalistas, o narrador passa a ser um cientista, observando cada episódio, e assim o que se passa dentro da história é relatado de forma impessoal. E de acordo com a vida dos personagens, o escritor tentará validar as ideias propostas do Determinismo, uma ficção para representar o real. Os ideais deterministas procuram compreender e impor a ideia de que as leis são firmes e que são de total importância para humanidade, e não devem ser mudadas e sim cumpridas com rigor e exigência para os o bem do mundo. Já os ideais materialistas tem como preocupação a estrutura econômica da sociedade e como ela se organiza.

O Naturalismo trás como características latentes: a natureza por meio de sua força ser capaz de mudar e explicar o mundo, o homem e suas condições estão ligados a heterogeneidade e o lugar onde estão colocados. Os temas mais colocados e abordados são: instinto, loucura, violência, traição, miséria, exploração social, raça, entre outros (GOMES, 2014). E é dessa maneira que o Naturalismo

encontra para explicar os assuntos inquietantes para a sociedade que estavam em evolução social e econômica.

Essa parte literária procura de forma compromissada mostrar a realidade vivida pelos burgueses e trabalhadores. Todos os personagens são vistos como humanos comuns, com seus problemas e inquietações diárias, tendo sempre explicação científica para tudo o que faziam. As obras tentam informar de forma simples, trazendo os escritos para uma melhor compreensão.

A descoberta científica feita no século XIX, aborda as ideias positivistas, as vacinas e os estudos psicanalíticos. Augusto Comte apresenta dentro de suas teorias o Positivismo que trabalha em suas linhas o Conhecimento social e por meio científico tenta mostrar uma maneira de pensar filosófico. O pensamento positivista busca explicar as mudanças sociais vindas de uma experiência, e das observações e comparações, visando reformular os costumes ultrapassados e as crenças da época. Esse estudo deveria ser feito respeitando as barreiras que eram imutáveis para o povo da época, e elas são: a educação, os valores sociais e a estrutura familiar.

A vacina passa a ser primordial para a vida das pessoas. Essa imunização era usada para combater a varíola e esses experimentos medicinais passam a ser vistos com bons olhos, pois protegia e imunizava.

Na Psicologia do século XIX parece Sigmund Freud com a Psicanálise, nomenclatura criada para esclarecer de maneira delineada as neuroses humanas e o que estava no inconsciente e observava a forma psíquica dos pacientes. Com os estudos de Freud, os tratamentos dos distúrbios mentais eram tratados de forma adequada, dando ênfase na compreensão dos problemas sofridos pelos pacientes.

De todas essas ciências trabalhadas, é importante ressaltar que os acontecimentos feitos por elas apresentavam em suas outras faces, um discurso cheio de preconceitos. Pois havia apenas valor quem se englobava dentro de todos os aspectos dessas ciências, os ditos normais. Quem pensava, agia e era diferente, tornavam-se excluídos de todas as coisas do meio social.

Então, o surgimento de todas as teorias que englobavam o homem e a sociedade são três, a Biologia, Psicologia e Sociologia, e estavam em alta, pois eram ligadas e falavam o que o povo queria. E por meio dessas três, o Naturalismo passa a iniciar as críticas e positivas e negativas, e análises comportamentais do homem, vendo o mesmo como um animal impulsionado pelos desejos do corpo. E

as escrituras naturalistas procuram resolver e reivindicar os problemas da sociedade.

Por ser tão objetiva, algumas pessoas questionaram se o Naturalismo poderia ser ou não literatura. E a busca de riquezas para satisfazer os prazeres é relatado dentro das obras. Assim, o homem passa a agir por meio de seus instintos, um animal pensante que busca de todas as maneiras o seu prazer, mesmo podendo perder seu amor ou sua família. Essa característica vista se chama Zoomorfismo.

A obra que mostra todos esses detalhes se chama “O Cortiço”, e nela mostra a força do homem para obter riquezas, a busca do homem pelo sexo e prazer, a raça sendo colocados como a principal causa das mazelas e dor, erros cometidos por aquele povo. E o lugar em que estavam, fazia com que eles agissem de uma maneira desagradável.

4.3 Naturalismo brasileiro

No Brasil, as obras literárias românticas serviam para entreter a burguesia. E no tocante de mudança, Aluísio Azevedo, por meio de sua obra “O Mulato”, passa a conceder uma nova mudança na literatura, o Naturalismo. Logo depois, escreve mais duas, Casa de Pensão e O Cortiço, sendo o “O Cortiço”, a mais conhecida entre as três relatadas. Dentro da obra, o autor tenta representar a vida dos moradores dos cortiços do Rio de Janeiro e o processo de favelização na cidade.

Dentro da perspectiva naturalista mundial, Aluísio procura mostrar as particularidades do povo brasileiro e em sua obra O mulato, o escritor choca a sociedade brasileira, inclusive os líderes católicos de São Luís. O autor mostra o seu descontentamento com o clero, pois práticas feitas como o puritanismo sexual e o racismo não poderiam ter espaço, pois a ilha era feita de misturas raciais.

Dentro da mesma ideia colocada por Aluísio, aparece o Inglês de Souza com “O Missionário”, de 1881, mostrando a influencia que os meios fazem. Também aparece Adolfo Caminha, o desvio de sexualidade tinha como parte central na sua obra “A Normalista”, de 1892, e logo em 1895 a o livro “O Bom Crioulo”, do mesmo escritor, passa a trabalhar o tema da Homossexualidade em suas entrelinhas.

Seguindo as ideias naturalistas mundiais, a literatura brasileira buscou os temas que inquietavam a humanidade, os temas mais confusos do interior humano.

Mas esses temas eram dados como patologias (doenças), e algumas vezes eram vistos de forma preconceituosa. Enquanto outros assuntos relevantes passaram despercebidos como, Abolição da Escravatura e a República.

De acordo com Afrânio Coutinho (1997), as ideias românticas já estavam defasadas, pois uma nova era filosófica, racional, naturalista, determinista e materialista passava a ganhar força no mundo. E dentro dessas transformações, o Brasil passa por uma reformulação econômica e social. Dentro das transformações iniciadas, a mudança do agrário para um período industrial e a diáspora urbana.

Dentro da passagem romântica para a realista e naturalista, os autores de grande destaque foram Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Inglês de Souza e Adolfo Caminha. Os poetas da época buscavam retratar suas obras com um estilo socialista, filosófico, científico realista e parnasiano. O escritor buscava da melhor forma, contextualizar em sua obra os conflitos as inquietações e as misérias passadas pela sociedade.

A crítica literária passa a analisar as obras de outras maneiras. Começa a observar o nível de aparência com o meio que a obra representou, e colocava como método de análise a história, a filosofia e o jornalismo; e assim a crítica não passa apenas para a literária, mas aos outros segmentos sociais em que a obra se encaixava.

Pode-se destacar que, o Naturalismo brasileiro teve duas datas que marcam seu início. Em 1877 com “O Coronel Sangrado”, de Inglês de Souza e em 1881 com “O Mulato”, de Aluísio Azevedo. Por mais que a obra de Souza tenha sido criada antes, a que ganha destaque e que apresenta o Naturalismo brasileiro ao mundo, é a de Azevedo. O Mulato é determinante na apresentação e representação do Naturalismo, pois aparece o processo construtivo e a análise fática da sociedade.

4.4 Aluísio Azevedo e sua contribuição ao Naturalismo

4.4.1 Biografia de Aluísio Azevedo

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís- Maranhão, em 14 de abril de 1857. Na sua vida, teve diversos trabalhos e foi diplomata, escritor, jornalista e caricaturista. Dentro da Academia Brasileira de Letras ocupa a cadeira 4. Mesmo sendo Naturalista simpatizava com o Realismo. Dentro de seus

escritos, procurava criticar a sociedade brasileira provinciana, e assim instaura o Naturalismo no Brasil, trazendo a influência de Émile Zola e Eça de Queirós.

Filho de David G. de Azevedo e D. Emília Amália Pinta de Magalhães, com apenas um irmão, o Artur Azevedo. Pelo temperamento forte do seu pai, o casamento dos seus progenitores acaba, e sua mãe sendo muito nova, conhece outro homem, o vice-cônsul de Portugal, jovem e viúvo David. Pelo fato de ter casado, se separado e casar novamente, a sociedade viu como um escândalo o relacionamento da mãe de Azevedo com o seu padrasto (SILVA, 2014).

Em São Luís, Aluísio começa seus estudos, e o seu primeiro serviço era de caixeiro e guardador de livros. Desde novo era amante das artes, da pintura e desenho. E por isso, em 1876 viaja para estudar em Belas Artes, e para isso, necessitou ficar com seu irmão que já vivia no Rio de Janeiro. Para sobreviver, trabalhava em jornais, fazendo caricaturas, e no mesmo ano passa a escrever, e escritos que possivelmente dariam início aos romances.

A diferença de Aluísio, é que o escritor tinha o dom de representar características de muitos grupos humanos, mesmo representando todos em uma obra coletiva. Na representatividade Ele mostrava a vida dos moradores, operários, artistas, pedreiros, lavadeiras e dos comerciantes. E dentro das suas obras, ele tira a conclusão de que, todas as consequências vivenciadas pelos personagens é uma consequência do lugar onde estão inseridas, e o lugar tem influência no comportamento e na mentalidade dos indivíduos.

São dessa fase romântica, tida pelo próprio autor como comercial, as seguintes obras: Uma lágrima de mulher (1880); Memórias de um condenado (reeditada com o título A condessa Vésper) (1882); Mistérios da Tijuca (reeditada com o título Girândola de amores) (1882); Filomena Borges (1884); O esqueleto; A mortalha de Alzira (1894).

Da fase naturalista, a mais importante de sua carreira, as principais obras são os romances: O mulato (1881); O cortiço (1890); Casa de pensão (1894).

5 RITA BAIANA E POMBINHA

No presente momento, apresentaremos as duas personagens que serão analisadas. Por mais que vivessem no mesmo lugar, tinham comportamentos totalmente diferentes. Enquanto Pombinha vivia na simplicidade de uma moça de família, Rita vivia em festas, namorando com seu mulato. Mas no decorrer a história as duas mudam completamente, e essas mudanças exemplificam a metamorfose social que as mulheres passaram.

5.1 O cortiço e margens sociais

O Cortiço foi um romance publicado no ano de 1890, e entre os temas falados está a desigualdade social. O narrador tem o papel onisciente, e está em 3ª pessoa e o tempo cronológico linear. Com 23 capítulos, que narram a vivência de dois lugares totalmente diferentes: o sobrado do Miranda, e o que tem a maioria dos personagens o cortiço de João Romão.

Na obra a evidência de duas condições sociais diferentes é gritante, e a desigualdade foi proposta pelo autor para mostrar os lados da sociedade. O lugar onde estão centrados evidencia todo o poder econômico e as desgraças sociais, e influencia diretamente no comportamento dos personagens.

É importante destacar que o naturalista brasileiro no cortiço mostra a realidade da comunidade habitante do Rio de Janeiro, onde se encontravam estrangeiros explorados, negros, imigrantes pobres e mestiços que procuravam nos cortiços um lugar barato para se viver. Mesmo sendo uma ficção, Aluísio representa muito bem a realidade pobre, que buscava seus recursos e que lutavam por uma vida digna.

A desigualdade econômica faz surgir uma luta de classes, pois o personagem João Romão com poucos recursos e vindo de um espaço desfavorecido, e quase sem expectativas, tenta de todas as formas organizar e reerguer o cortiço, para melhorar financeiramente e economicamente. Essa é a diferença entre Romão e Miranda, enquanto um já tinha tudo, o outro estava tentando se estruturar.

Mesmo com uma grande diferença econômica entre os personagens, é notável uma característica semelhante entre eles, a ambição. Por um lado Romão é o representante da pobreza, a vida de luta, e Miranda é a riqueza e os portugueses abastados que moravam em grandes sobrados. E dentro dessa perspectiva a

estrutura social vai se desenvolvendo com determinadas transformações ocorridas no espaço, reveladas na melhora do local e conseqüentemente na comportamental.

O instinto animalizado é o problema trazido pela pobreza. E o personagem que mostra tal mudança é Romão, enquanto estava no nível pobre, o homem se comportava de forma biológica, animalizado, instintivo e sem regras. Logo após o início da riqueza surgir, o dono do cortiço teve que se adaptar a nova vida, baseada em uma organização que lhe propunha um mundo com regras, e etiquetas que seriam o ato de grande mudança do personagem em ascensão.

Dentro da perspectiva animalizada, o homem passa a viver como animal e se comportar como o mesmo e assim, Aluísio aproveita o narrador para exibir “a degradação dos tipos aproximando-os insistentemente de animais e conferindo-lhes apelidos” (SANT’ANNA, 1990, p. 90). No mesmo viés, Santa’anna (1990, p. 102), apresenta uma visão do estilo de Aluísio de Azevedo que:

(...) a língua de Azevedo, em sua plurivalência de nacionalidades, mostra como o francês, o italiano, o português de Portugal, o falar do cortiço, o falar dos salões se mesclam constituindo conjuntos que integralizam a língua brasileira num sentido mais amplo. Sua língua é mestiça como seus personagens e se espalha pelo simples e pelo complexo.

Dentro dos problemas sociais, e a animalização, as características dos personagens, e a identificação da obra com a escrita é para Affonso Romano de Sant’Anna (1990, p. 88):

...uma narrativa de estrutura simples compromissado com modelos exteriores ao seu texto, ainda que no enunciado sua produção coloque do lado da contra-ideologia, uma vez que denuncia o código social vigente criticando o espaço da ideologia dominante.

Dentro das divisões sociais, o racial também ganha espaço. Pode-se observar dentro do cortiço, o número de pretos, brancos, e mestiços está ao mesmo nível. Um ponto a se tratar é a tendência de superioridade do branco em relação ao preto. Eles estavam no mesmo lugar, com uma condição igual, mas o branco sempre se achava superior e mais trabalhador.

Nessa mesma questão, os brancos buscavam um salário melhor, pois podia escolher e persuadir o dono da pedreira, pois para ele, o melhor trabalhador é o homem que se ofereceu e que está disposto a pedir o mínimo pelo seu serviço. E

na obra, Romão é persuadido por Jerônimo que mostra seus dotes, e alega que trabalha mais do que os funcionários que estavam na pedreira.

Pois está fechado o negócio! – deliberou João Romão, convencido de que não podia, por economia, dispensar um homem daqueles. E pensou lá de si para si: “Os meus setenta mil-réis voltar-me-ão à gaveta. Tudo me fica em casa! (AZEVEDO, 2012, p. 48).

Mesmo com um tom de superioridade feito por Jerônimo, Romão entendeu que valia pagar pelos serviços prestados, e conseqüentemente o trabalho avançaria, pois o homem era capacitado. Por outro lado, Jerônimo usa de artimanhas para convencer Romão pelo valor dos seus trabalhos, e receber uma boa remuneração.

Onde estão pobreza e riqueza os resultados serão: desigualdade social, escolaridade, renda, falta de oportunidades, e desigualdade de gênero. E dentro dessas questões, Miranda se sentia indignado com a criação e o aumento do cortiço ao lado de sua casa, lugar que desejava comprar, mas não tinha êxito por conta de Romão.

Assim as duas classes são ressaltadas, o sobrado do Miranda a riqueza, e a pobreza, o cortiço. - Um cortiço! – exclamava ele, possesso - Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas! ... Estragou-me a casa, o malvado! (AZEVEDO, 2012, p. 21). Aparece também a pobreza ocasionada por alguma crise, e a marginalidade, atos ocasionados pela economia vigente. O exemplo está no velho Botelho, um personagem que era rico, mais havia perdido tudo e vivia de favores na casa de sobrado, a do Miranda.

Mesmo com todas as desgraças, o cortiço servia como uma forma de sustento aos moradores, pois lá havia recursos que lhes ajudavam financeiramente. Para os homens, a pedreira ao fundo seria a melhor alternativa de trabalho, para as mulheres a lavagem de roupas seria uma escapatória para ajudar em casa. Como no cortiço havia água em abundância, as moradoras passavam o dia lavando para os burgueses. E assim, o cortiço era visto como um exemplo.

Pode-se observar nas obras de Azevedo, a crítica social, e O Cortiço mostra como o Brasil ainda estava focado em colocar a raça como prioridade. Para as pessoas, o branco se destacava, era digno de um melhor salário, e a desigualdade ia se enraizando cada vez mais.

É dentro dessas perspectivas que a presente pesquisa se concentra. Tentar mostrar como as mulheres, no tocante Rita e Pombinha eram vistas dentro do cortiço e quais comportamentos faziam aflorar o ser andrógino dentro de cada uma delas. Sabendo que o espaço da mulher na sociedade era mínimo, o objetivo será mediar o entendimento acerca do tema proposto, para responder à pergunta que orienta esta pesquisa: Quais comportamentos são vistos em Rita e Pombinha no “O Cortiço”, quando lutam para ter reconhecimento na sociedade.

5.2 A ascensão do discurso sexual na sociedade do século XIX

Dentro da cultura mundial, a sexualidade era um tabu quase intocável, pois trazia constrangimento falar do assunto no meio de pessoas, ele era reprimido, proibido, pois era um ato transgressor tocar no tema (FOUCAULT, 2006).

Mas tudo muda no século XIX, os livros, a ciência e os meios sociais passam a tocar e tentar quebrar a barreira. Mas a igreja observando as mudanças passa a colocar a conduta sexual como um pecado, desta maneira o sexo e as pessoas passam a ser ato de vigilância, e quem praticava e falava sobre o tema, fora dos padrões da igreja, eram excluídos.

As mulheres eram as que mais sofriam, pois esse método cristão por meio de regras buscava controlar todos os procedimentos sexuais, inclusive os das mulheres. Assim, a sexualidade estava trancada apenas nos limites da igreja, e todos os atos que pertenciam aos prazeres da carne estavam barrados. Mesmo prendendo os desejos da sociedade, a igreja acaba ganhando mais força quando instituições fora do ato religioso, as esferas pedagógicas, judiciárias e médicas lhe concedem apoio (FOUCAULT, 2006).

Mesmo com todas essas esferas unidas, não foi possível controlar os desejos que a sociedade buscava, pois quanto mais se reprime mais se estimula a vontade de quebrar as regras. E assim, Castello Branco (2004, p.53), aborda a sexualidade no período do século XIX, afirma:

O século XIX é conhecido como o período da sexualidade encarcerada, muda e hipócrita. E, no entanto, é nessa época que proliferam textos exibindo corpos nus se “perversões” de toda espécie. É lógico que essas ousadas eram permitidas porque, através do estudo e da análise dos

chamados fenômenos anormais, o que se buscava era exatamente defender a normalidade e a ordem.

Como foi visto a sexualidade do século XIX, com muitas regras e restrições, acabava dando curiosidade, e as obras realistas e naturalistas colocavam detalhadamente os desejos e paixões sexuais, descrevendo de forma detalhada o desejo em seu lado patológico. O Naturalismo tinha dentro de sua prosa, assuntos, que golpeavam de frente com as regras mantidas pela sociedade, inclusive o assunto abordado seria a transgressão sexual.

Qualquer relação sexual fora do casamento seria motivo de vergonha para a sociedade, e a imoralidade era o nome das práticas fora do matrimônio. E Bulhões (2003, p.37) fala que, os desejos sexuais ficaram dentro apenas do íntimo, o quarto da família burguesa, qualquer lugar que não fosse o quarto, era dado como errado. Continuando o tema Foucault (2006) afirma que o quarto dos pais era o lugar onde se poderia se praticar os atos sexuais, sabendo que o quarto era o local, ideal e apropriado para a reprodução. Dessa maneira, o sexo tinha como alvo principal, apenas a reprodução, procriação.

Dentro das imposições cristãs, a medicina passa a buscar e explicar a sexualidade se embasando nas teorias sociais e científicas que estavam em alta na época. E dessa maneira, houve uma grande interferência e o sexo passa a ser ainda mais reprimido, como fala Castello Branco (2004, p.48) ao assegurar que:

[...]não é apenas através de preceitos religiosos ou determinadas práticas sociais, como o trabalho, que a repressão sexual se efetua em nossa cultura. Há formas sutis de controle da sexualidade que atravessam nossa vida diária e determina nossa maneira de conceber e de vivenciar o erotismo. Uma delas, que se instalou definitivamente em nossa cultura e, sobretudo a partir do século XIX, e que parecem ter substituído a Igreja em rigor e eficácia, é a ciência.

De acordo com a exposição da autora, a ciência, juntamente com a medicina, expuseram algumas ideologias que mostravam um comportamento que deveria ser seguido por todos, o correto. E assim, passava uma visão errônea das pessoas que não seguiam as regras, expondo a ideia de que as relações que ocorriam fora do antro matrimonial, eram aberrações e patologias sexuais.

Dessa maneira, o cientificismo, a medicina e a igreja, obrigam e proíbem a sociedade de muitas coisas. E assim, quem aparecesse com ideias diferentes das impostas, deveria ser estudado, para diagnosticar o motivo das condutas desviadas

(CASTELLO BRANCO, 1985). Logo, a ciência teve o trabalho de estudar minunciosamente os comportamentos fora do casamento, ao que se dizia sobre a sexualidade, e estudar esses desvios como doenças e condutas extremamente ilícitas, frutos de uma doença biológica ou perversões sexuais anormais.

5.3 Rita Baiana e sua frente psicológica

Rita Baiana é a representatividade da mulher forte, que luta por um espaço dentro da sociedade e busca a melhora de sua vida de muitas maneiras. Independente, sempre morando só, era vista como a mulher que fugia de casamento e que jamais se subordinaria aos deleites da sociedade patriarcal. É a figura feminina de grande força, e que estava sempre disponível para conversas com as outras mulheres do cortiço. Tais feitos fazem com que a personagem lutadora seja uma mulher carregada de características andróginas, e assim será motivo de estudo. Dentro da análise, é importante lembrar que o objetivo da pesquisa é observar como Rita é colocada, pela visão dos personagens.

A personagem Rita, tem o seu espaço na obra, destacando-se como a alegria do cortiço. Uma mulata encantadora que era difícil não gostar, era uma amante de festas e folias. Não deixava de lado as danças e a bebida, e gostava de receber em sua casa, cantores que alegravam as noites do cortiço. É a mulher sensual que chamava atenção, com um corpo tropical, era completamente levada pelos estímulos e desejos sensoriais. Dessa maneira, Aluísio descreve Rita como:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre as feridas com seu azeite de fogo (AZEVEDO, 2012, p.79).

No capítulo III, a presença de Rita Baiana se instaura na obra, onde ela está sendo motivo de conversa de suas amigas lavadeiras, que colocavam Rita como doida, mas de um bom caráter, uma mulher assanhada como fala:

Uma conversa cerrada travara-se no resto da fila de lavadeiras a respeito da Rita Baiana.

- É doida mesmo!... censurava Augusta. Meter-se na pândega sem dar conta da roupa que lhe entregaram... Assim há de ficar sem um freguês...
 - Aquela não endireita mais!... Cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo!
 Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado! Olha o que saiu o ano passado com a festa da Penha!... (AZEVEDO, 2012, p, 18).

Outro ponto conversado pelas lavadeiras, o envolvimento de Rita com o mulato Firmo. Para as mulheres que lá estavam, toda a mudança, perda de responsabilidade, a vivência em pagodes e violas, e toda a vadiagem, era consequência do seu envolvimento com o mulato, e sua vida estava bem pior:

- Então agora, com este mulato, o Firmo, é uma pouca-vergonha! Estro dia, pois você não viu? levaram aí numa bebedeira, a dançar e cantar à viola, que nem sei o que parecia! Deus te livre!
 - Para tudo há horas e há dias!...
 - Para a Rita todos os dias são dias santos! A questão é aparecer quem puxe por ela!- Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem...
 - Bom coração tem ela, até demais, que não guarda um vintém pro dia de amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo! (AZEVEDO, 2012, p, 18-19).

A saudade dos moradores era grande, queriam ver Rita, queriam se alegrar novamente. Ela volta, mas duas coisas chamaram atenção do narrador; o consumismo, e a volta para casa:

Um acontecimento, porém, veio revolucionar alegremente toda aquela confederação da estalagem.
 Foi a chegada da Rita Baiana, que voltava depois de uma ausência de meses, durante a qual só dera notícias suas nas ocasiões de pagar o aluguel do cômodo.
 Vinha acompanhada por um moleque, que trazia na cabeça um enorme samburá carregado de compras feitas no mercado; um grande peixe espiava por entre folhas de alface com o seu olhar embaciado e triste, contrastando com as rissonhas cores dos rabanetes, das cenouras e das talhadas de abóbora vermelha.
 - Põe isso tudo aí nessa porta. Aí no número 9, pequeno! gritou ela ao moleque, indicando-lhe a sua casa, e depois pagou-lhe o carroto. - Podes ir embora, carapeta!
 Desde que do portão a bisparam na rua, levantou-se logo um coro de saudações...(AZEVEDO, 2012, p, 28).

Com a chegada de Rita, depois de muitos meses fora do cortiço, enche os moradores de alegria, logo depois é questionada pelas seguintes palavras:

“- Olha! quem aí vem! -Olé! Bravo! É a Rita Baiana! -Já te fazíamos morta e enterrada! - E vão é que o demo da mulata está cada vez mais

sacudida?... - Então, coisa-ruim! por onde andastes atirando esses quartos?
 - Dessa vez a coisa foi de esticar, hein?! “ (AZEVEDO, 2012, p. 29).

No decorrer da narrativa de Azevedo, aparece outro ponto ligado ao sensual, o estereótipo de Rita faz ligação ao carnal, dando por entender que toda a sua sensualidade era uma consequência de sua nacionalidade:

(...) No seu farto cabelo, crespo e reluzente puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinado”. (AZEVEDO, 2012, p. 29).

Como se observou, o enredo marcado pelo aparecimento de Rita Baiana é sempre caracterizada pela visão de suas amigas, e assim aparece o problema de tantas visões sobre uma mesma pessoa, pois cada um enxerga o ser de acordo com suas vivências e culturas, e o grupo social em que está inserido.

E precisa-se entender que por mais que os pensamentos das outras mulheres do cortiço fossem diferentes, elas não seriam inferiores, só não estavam preparadas para as transformações que estavam ocorrendo em sua volta. Nesse período ocorrem transformações econômicas, políticas, sociais e culturais como a Abolição da Escravatura, Proclamação da República, desagregação da estrutura colonial escravista e transição para o trabalho assalariado, essas transformações fazem com que alguns personagens acabem quebrando as regras idealizadas pelo Positivismo do século XIX.

E Rita Baiana, era o verdadeiro modelo de mudança feminista e Andrógina que aparece na obra. Não disposta a seguir o modelo patriarcal, e dessa forma descrevem a personagem como um molde que não deve ser seguido, pois as mulheres deveriam ser a mãe, esposa, passiva, romântica e que se fosse solteira deveria ser virgem. E Rita era diferente, pois não sonhava com o modelo imposto, ao contrário:

- Ora, nem me fales, coração! Sabe? Pagode de roga! Que hei de fazer? é a minha cachaça velha!...
 - Mas onde estiveste tu enterrada tanto tempo, criatura?
 - Em Jacarepaguá.
 - Com quem?
 - Com o Firmo...
 - Oh! Ainda dura isso?

- Cala a boca! A coisa agora é séria!
 - Qual! Quem mesmo? Tu? Passa fora!
 - Paixões da Rita! exclamou o Bruno com uma risada. Uma por ano! Não contando as miúdas!
 - Não! isso é que não! Quando estou com um homem não olho pra outro!
 (AZEVEDO, 2012, p. 29).

Pode-se perceber que mesmo não casada, Rita dormia com o mulato Firmo na casa de seu companheiro. E isso fazia com que a personagem se encaixasse fora dos parâmetros sociais da mulher ideal para o homem. Manter relações sexuais antes do casamento, era uma afronta aos ideais impostos pela ciência e religião da época.

Outro fato importante, é que há uma diferença das personagens burguesas e brancas e Rita. Enquanto as mulheres burguesas se guardavam ao casamento, Rita se guardava aos desejos pois era diferente, pertencia a uma classe diferente, e ao contrário das mulheres do sobrado ao lado que esperavam o sustento dado pelo marido, Rita se ocupava nos serviços que iriam garantir o seu mantimento, e assim se diferenciava tanto pela profissão, quanto ao meio social que viviam.

Outro ponto de destaque é o casamento. Rita como uma mulher Andrógina está propícia à fugacidade de relacionamentos como um matrimônio, pois diferente das outras mulheres, a andrógina busca a felicidade em outros afazeres, e a parte que lhe falta não é um casamento, e sim seus gostos, e suas peculiaridades que podem ser: Uma boa casa, um bom emprego, uma boa condição, o devido espaço na sociedade e a independência em tudo o que for preciso.

Sabendo disso, o autor aborda o desgosto de Rita quando se comenta sobre casamento, inclusive a possibilidade de um futuro matrimônio com o mulato Firmo:

“ – Mas por que não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? por que não te casas com ele? “ – Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livre! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo, pensa logo que agente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!” (AZEVEDO, 2012, p. 29).

A diferença entre Rita e as mulheres é alarmante, era uma mulher forte que desde a morte de seus pais, estava sozinha no mundo buscando o seu sustento e vivendo no quarto daquele cortiço. Não podemos afirmar que todas as mulheres que seguissem os passos de Rita seriam felizes como ela, só podemos ressaltar

que, a escolha feita em sua vida e as condições que foram impostas para ela, não limitaram a sua felicidade.

Ela escolheu viver os seus amores e desejos, mas que fugia de casamentos formais, e vivia apenas desfrutando de suas ações compulsórias, seus desejos corporais e espirituais, e pode-se ver que todos os comportamentos não eram devassos e nem depravados.

Vale destacar que a sociedade era composta por um patriarcado machista que eram cheios de preconceitos, e a cor da mulher era vista como uma diferenciação para a procura da esposa ideal e o discurso de mulheres para certa especificidade. E a fala quinhentista que perpassa os séculos é o que NASCIMENTO (2016,p.18) aborda que, “Branca para casar, negra para trabalhar, mulata para fornicar”.

Assim, surge um discurso mitológico que coloca a mulher preta como um ser mais “quente”,sexualmente e esse volume efervescente será trabalhada nas linhas de “O Cortiço”, quando Rita através da dança mostra a sua cultura, chamando atenção dos espectadores a sua arte é vista como uma forma seduzente, como é exposto na narração:

“Foi um forrobodó valente. A Rita Baiana, essa noite, estava de veia para a coisa; estava inspirada! divina! Nunca dançara com tanta graça e tamanha lubricidade! Também cantou. E cada verso que venha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbado de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam como o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com toda as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até o tutano com línguas finíssimas de cobra. Jerônimo não pôde conter-se: no momento em que a baiana, ofegante de cansaço, caiu exausta, assentando-se ao lado dela, o português segredou-lhe com a voz estrangulada de paixão: -Meu bem! se você quiser estar comigo, dou uma perna ao demo!” (AZEVEDO, 2012, p. 64).

Dentro da narrativa, Rita aparece como um objeto de prazer na mente do Português Jerônimo. E quando a relação entre os dois se consolida, o mesmo começa a mudar os seus comportamentos, causada pelo desejo do corpo a mulata. E é nesse momento que pode-se evidenciar como o ser andrógino (Rita), consegue ludibriar o ser que é dado como superior à uma paixão louca. O homem esquece de tudo, e pula as barreiras para se juntar a parte que procurava, para desfrutar dos prazeres e desejos da alma:

“Amara-o a princípio por afinidade de temperamento, pela irresistível conexão do instinto luxurioso e canalha que predominava em ambos, depois continuou a estar com ele por hábito, por uma espécie de vício que amaldiçoamos sem poder largá-lo; mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o sangue de mestiça reclamou os seus direitos de apuração. O cavaqueiro, pelo seu lado cedendo às imposições mesológicas, enfiava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes”. (AZEVEDO, 2012, p. 93).

O desejo dos dois torna os personagens um só prazer. Rita conseguiu apunhalar o seu parceiro com as seduçãoes que o autor coloca como a representatividade daquele espaço. A mulher prendeu Jerônimo, fazendo-o esquecer-se da própria mulher que lhe acompanhava por muito tempo.

Mas a mudança não foi percebida apenas no Jerônimo, Rita que antes não pensava em matrimônio (considerando o casamento uma prisão), pelas suas ideologias e comportamentos Andróginos, passa a pensar de maneira diferente. Essa nova escolha é percebida quando o português lhe convida para morarem juntos, e ela respondeu:

Sim, sim, meu cativo! respondeu a baiana, falando-lhe na boca; eu quero ir contigo; quero ser a tua mulata, o bem do teu coração! Tu és os meus feitiços! - E apalpando-lhe o corpo:- Mas como estas ensopado! Espera! espera! o que não falta aqui e roupa de homem pra mudar!... Podiam ter uma recaída, cruze! Tira tudo isso que está alagado! (AZEVEDO, 2012, p. 95).

É possível observar que, por mais que amasse o seu lado Andrógino só passa a confiar no português depois que o mesmo prova-lhe ser capaz de fazer tudo pela amada. Seus instintos e paixões foram se afluando cada vez mais, e sua entrega foi cedida ao amante que era capaz de matar pela sua amada. Os dois seguem instintos que ocasionam uma morte, mas esses instintos os fazem cada vez mais próximos, e os liga através do prazer sexual:

De cuidar da nossa vida... Ai tens a navalha com que fui ferido!
E atirou-lhe sobre a mesa a navalha de Firmo, que a mulata conhecia como as palmas da mão.- E ele? - Está morto. - Quem o matou? - Eu. Calaram-se ambos. - Agora... acrescentou o cavaqueiro, no fim de um silêncio arquejado por ambos; estou disposto a tudo para ficar contigo.(AZEVEDO, 2001, p. 95).

Rita, em resposta, atirou-se ao pescoço dele e pendurou-se-lhe nos lábios, devorando-o de beijos. Aquele novo sacrifício do português; aquela dedicação extrema que o levava a arremessar para o lado família, dignidade, futuro, tudo, tudo por ela, entusiasmou-a loucamente. Depois dos

sobressaltos desse dia e dessa noite, seus nervos estavam afiados e toda ela elétrica. Ah! não se tinha enganado! Aquele homenzarrão hercúleo, de músculos de touro, era capaz de todas as meiguices do carinho. (AZEVEDO, 2012, p. 95).

Pode-se observar que Rita não se encaixa no ser determinista, para a personagem os seus desejos e angústias fazem a mudança em suas concepções e práticas. Apesar da mudança do português, o que chama a atenção é a maneira que ele passa a enxergar a vida e os desejos, convivendo com Rita, Jerônimo se transforma ao ponto de pensar e conseqüentemente abandonar sua família e seu emprego. Esse fruto é gerado pelas investidas Andróginas de Rita.

- Agora... acrescentou o cavouqueiro, no fim de um silêncio arquejado por ambos; estou disposto atudo para ficar contigo. Sairemos os dois daqui para onde melhor for... Que dizes tu? - E tua mulher?... - Deixo-lhe as minhas economias de muito tempo e continuarei a pagar o colégio à pequena. Sei quenão devia abandoná-la, mas podes ter como certo que, ainda que não queiras vir comigo, não ficarei com ela! Não sei! já não a posso suportar.... (AZEVEDO, 20012, p. 95).

O impulso sexual, ocasionado pelos afetos narra os desejos íntimos que mostravam os mínimos detalhes da primeira relação sexual entre os dois. Esse desejo era diferente dos impostos pela igreja e a ciência, o de reprodução, o sexo praticado entre os dois era uma relação de amor, intimidade e ligação entre os corpos que encontraram a sua metade sexual, e de lá em diante viveriam uma história de completude:

“(...) Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços, ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira, ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata, ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de covoqueiro os dois globos túmidos e macios e, nas suas coxas as coxas dela, sua alma derreteu-se fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia eterna, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno. E com um arranco de besta-fera caíram ambos prostrados, arquejando.

Ela tinha a boca aberta, a língua fora, os braços duros, os dedos inteiriçados e o corpo todo tremer-lhe de cabeça aos pés, continuamente, como se estivesse morrendo; ao passo que ele, de súbito arremessado longe da vida por aquela explosão inesperada dos seus sentidos, deixava-se mergulhada numa embriaguez deliciosa, através da qual o mundo inteiro e todo o seu passado fugiam como sombras fátuas. E, sem consciência de nada que o cercava, nem memória de si próprio, sem olhos, sem tino, sem ouvidos, apenas conservava em todo o seu ser uma impressão bem clara,

viva, inextinguível: o atrito daquela carne quente e palpitante, que ele, em delírio apertou contra o corpo e que ele ainda latejar-lhe debaixo das mãos, e que ele continuava a comprimir maquinalmente, como a criança que, já dormindo, afaga ainda as tetas em que matou, ao mesmo tempo, a fome e a sede com que veio ao mundo”. (AZEVEDO, 2012, p. 95-96).

Mesmo apresentando a forte relação sexual ligada aos estereótipos de Rita, é importante observar que ambos sentem o prazer, trocam afetos que estão dentro do íntimo. No mesmo tocante em que Rita dá o prazer, ela recebe e sente com tamanha força os afagos praticados pelo amado.

Pode-se observar que o modelo de mulher negra, está ligado ao cultural inventado pela sociedade, e não algo da natureza. E até mesmo a naturalidade da obra é uma construção histórica.

5. 4 Pombinha, uma mistura biológica e psicológica: a sexualidade sob a ótica da personagem Pombinha

Começando falar sobre Pombinha, é importante ressaltar que O Cortiço (2012) é um livro que nos possibilita ver o trabalho andrógino (biológico e psicológico) dentro da sociedade, mais especificamente no Rio de Janeiro. A sexualidade de Pombinha nos dará um rumo para entendermos as mudanças ocorridas em sua vida, esse desenvolvimento da sua sexualidade muda o decorrer da obra e nos dá muitas visões sobre a personagem.

Pombinha nos primeiros capítulos é colocada como uma mulher delicada, ingênua, pura, enferma, pois não conseguia se tornar mulher. Sua mãe era D. Isabel “uma pobre mulher comida de desgostos” (AZEVEDO, 2012, p.42), era casada com um comerciante que se suicidou depois de uma falência e “deixando-lhe uma filha muito doentinha e fraca, a quem Isabel sacrificou tudo para educar, dando-lhe mestre até de francês” (AZEVEDO, 2012, p.42). Sobre a sua popularidade, a narrativa fala que:

A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermeja e nervosa ao último ponto; loira, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico o proibira expressamente. (AZEVEDO, [1890]2012, p.42).

Pode-se atentar que a personagem além de pura e delicada, tinha uma ótima educação, pois “nas famílias requintadas [...] as meninas aprendiam as línguas estrangeiras, principalmente o francês” (PERROT, 2007, p. 94), essas são as características alegóricas que lhe davam pelo ambiente que vivia. E pelo fato de

ser doente, era interditada pelo médico para não fazer nenhuma atividade de casa que pudesse complicar sua situação, como vemos na seguinte narrativa:

É que Pombinha, orçando, aliás, pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo. No entanto, coitadas! (AZEVEDO, 2012, p.42).

Os primeiros traços andróginos (biológico) começam a ser tecidos na obra. O fato da moça ter uma idade elevada e não conseguir aflorar-se mulher dá ênfase ao androginismo. E ainda não havia sido visitada pelas regras ou seja, ela não tinha menstruado ainda, pois havia na menina uma alteração hormonal, fazendo com que seu nível de progesterona no sangue fosse baixa.

Mas Pombinha já estava prometida para um noivo, “o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro e que a adorava e conhecia desde pequenita” (AZEVEDO, 2012, p.42), que só estava na espera para que a puberdade da moça chegasse para concretizar o casamento.

Ademais D. Isabel, assim como as mães do século XIX, não queria pensar no casório cedo. Na sua mente entendia que não era certo entregar sua filha para um homem sem que esta ainda não fosse mulher por completa pois, “o casamento, ‘arranjado’ pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor” (PERROT, 2007, p.46), e o casamento só seria dado depois da puberdade afluída.

Pela sua educação, pelos bons modos e a prestatividade, a moça era querida em todo o cortiço, pois todos os moradores tinham um grande carinho por ela:

Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem emgeral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir. Prezavam-na com muito respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo. Andava sempre de botinhas ou sapatinhos com meias de cor, seu vestido de chita engomado; tinha as suas joiazinhas para sair à rua, e, aos domingos, quem a encontrasse à missa na Igreja de São João Batista, não seria capaz de desconfiar que ela morava em um cortiço. (AZEVEDO, 2012, p.43).

Assim como o relato, percebe-se a boa relação de Pombinha com os moradores, pela sua prestatividade e domínio das letras e dos números. Por essa

ajuda aos vizinhos, era agraciada por presentes que a deixava ainda mais elegante e luxuosa, e assim se tornava ainda mais superior aos moradores que a presenteavam. Sempre aos domingos ela ocupava-se com as correspondências dos moradores “[...] numa pequena mesa, [...] a menina escrevia, enquanto o dono ou dona da carta ditava em voz alta o que queria mandar dizer à família ou a algum mau devedor de roupa lavada” (AZEVEDO, 2012, p.66), e as cartas eram feitas uma de cada vez, com devida atenção, e assim todos queriam apenas entregar suas informações para Pombinha, sem confiar em nenhuma outra pessoa.

Um fator preciso aflora ainda mais o androginismo biológico em Pombinha, e esse mesmo fator desperta o lado psicológico dela, mudando toda a história e a visão que a menina tinha do mundo.

A chegada da personagem Léonie, uma comadre da Augusta e Alexandre, onde a mesma tinha os cuidados da filha do casal e “[...]trazia sempre muito bem calçada e vestida a afilhada” (AZEVEDO, 2012, p.102) para ver os pais. Essa criança era a única alegria da sua vida, pois a fazia esquecer-se da vida depravada que levava.

Na mesma visita (sua primeira aparição na narrativa), Léonie pergunta por Pombinha, mas a garota não estava. O primeiro ponto visto é o interesse que a prostituta tem pela menina, como se apresenta:

– E a Pombinha?... – perguntou a visita. –Não me apareceu ainda!...–Ah! – esclareceu Augusta. –Não está aí, foi à sociedade de dança com a mãe. E, como a outra mostrasse na cara não ter compreendido, explicou que a filha de D. Isabel ia todas as terças, quintas e sábados, mediante dois mil-réis por cada noite, servir de dama numa sociedade em que os caixeiros do comércio aprendiam a dançar. – Foi lá que ela conheceu o Costa... – acrescentou. – Que Costa? – O noivo! Então a Pombinha já não foi pedida? – Ah, sei...E a cocote perguntou depois, abafando a voz: –E aquilo?... Já veio afinal?...–Qual! Não é por falta de boa vontade da parte delas, coitada! (AZEVEDO, 2012, p. 104).

Pode-se observar um indicativo interesse pela moça, sabendo que as duas se gostavam muito. E antes que a prostituta fossem embora D. Isabel e sua filha chegam da pista de dança, “a cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes” (AZEVEDO, 2012, p.106). O carinho e apreço eram visto dos dois lados, é importante salientar que o primeiro carinho demonstrado por Léonie advinha do apreço que tinha pela pureza encantadora da menina.

Depois de um tempo conversando, as duas mostravam afabilidade, parecendo estar sozinhas. E nesse momento a prostituta dá uma medalha de prata para a menina. E aproveitando o momento, Léonie aproveita para convidar a moça para uma visita em sua casa, e D. Isabel marca a visita para o próximo domingo, mostrando um interesse além do cordial, por parte de Léonie. O desejo apaixonante e voraz pela donzela já não era controlado, mas D. Isabel não imaginava o desejo que a outra tinha por sua filha, e a menina por ser pura e ingênua, nunca imaginava o desejo insaciável por ela. E é daqui em diante que a vida de Pombinha se transforma, como será abordado nas análises seguintes.

No dia da visitação, D. Isabel e Pombinha chegam na casa de Léonie. As visitantes ficam contentes com a cordialidade amistosa da anfitriã, alegre por “acompanhar a jovem junto de si, naqueles divãs fofos e traidores” (AZEVEDO, 2012, p.127). A criada foi informada que ninguém poderia entrar na casa “[...]e assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, [...]e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados” (AZEVEDO, 2012, p. 127). Havia pela parte de Léonie fortes carícias, mostrando o desejo de possuir a moça, mas pela sua inocência e carinho que tinha pela prostituta, Pombinha não via as péssimas intenções da mulher que estava ao seu lado.

Servindo o almoço, na refeição por volta das duas da tarde, Léonie mostrava seus enlances pela menina “[...]sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado; levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por debaixo da mesa” (AZEVEDO, 2012, p.12). E foi depois da comida, as primeiras investidas na garota, quando D. Isabel que não tinha costume de beber vinhos, vai descansar no quarto. Enquanto a senhora dormia, Léonie fica sozinha com a garota, e nesse momento começa a mostrar seus desejos libidinosos:

–Vem cá minha flor!... –disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti! E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era. A cocote percebeu seu enleio e ergueu-se, sem largar-lhe a mão (AZEVEDO, 2012, p.128,).

Pombinha passou por grande constrangimento, e amedrontada, Léonie não reconhecia os limites, pois o prazer estava acima dos limites, esquecendo do desejado, e passa o erótico. E se meteram no quarto onde Pombinha tentou mudar o assunto, mas Léonie fingia que ouvia e:

[...]afagar-lhe a cintura, as coxas e o colo. Depois, como que distraidamente, começou a desabotoar-lhe o corpinho do vestido.

—Não! Para quê?... Não quero despir-me...

—Mas faz tanto calor... Põe-te a gosto...

—Estou bem assim. Não quero!

—Que tolice a tua! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar o exemplo!

E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha. A menina, vendo-se descomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor.

—Deixa! —segredou-lhe a outra, com os olhos envesgados, a pupila trêmula. E apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito (AZEVEDO, 2012, p.128-129).

Depois de tantas tentativas frustradas, Léonie sedenta de prazer, consegue consumir o seu desejo e o fato, e é depois desses fatos que o androginismo biológico vai dando espaço ao psicológico:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre o seu mesquinho peito de donzela impúbere e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensíveis da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos (AZEVEDO, 2012, p.129).

Por mais que a menina tentasse lutar, a forte insistência com a união dos corpos, lhe deixou ceder aos desejos, como Alberoni (1993, p.38) “[...] o estímulo sexual deve ser, ao mesmo tempo, recusa, obstáculo”. E a prostituta loucamente de prazer consegue usar sua experiência para seduzir, usando a nudez e influenciando as áreas de sensibilidade, faz a menina ter na mente a imagem de reprodução sexual. A voracidade do prazer faz uma mudança nas duas, como se narra a seguir:

Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispções de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando. E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificandos de espuma, e mordida-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo [...] (AZEVEDO, 2012, p.129).

Acompanhando a citação, percebe-se que o ato sexual praticado pelas duas, é descrito de forma minuciosa, mostrando a teoria darwinista (zoomorfismo), onde as duas passam de comportamentos lúcidos para animalizados e assim Bataille (2013, p.118) aborda que “a animalidade é mesmo tão bem mantida no erotismo, que o termo animalidade, ou bestialidade, não cessa de lhe estar ligado”. E assim, entende-se que por mais que as primeiras investidas tinham sido de Léonie, o prazer foi afluído nas duas e elas estavam realizadas, mas tal prazer foi visto em maior escala na jovem que nunca havia experimentado a sensação da libido.

Ainda nua e envergonhada, Pombinha abraçando os travesseiros, tentava esconder a tristeza e o choro. E no momento em que se arrumava, falava: “Não volto mais aqui! Nunca mais!” (AZEVEDO, 2012, p.130). Léonie com medo, tentava de todas as maneiras sossegar a jovem, e ainda lhe pedia um beijo para apaziguar a situação, e o beijo foi dado pela moça.

No jantar, Pombinha continuava incomodada e D. Isabel ainda estava ruim pela bebida, e aproveitando para quebrar o gelo, a cocote pega a mão de Pombinha para lhe colocar um anel, e ela aceita. Logo depois mãe e filha se retiram em caminho ao cortiço, mas a preocupação martela a cabeça da jovem em todo o decorrer da viagem.

O andrógino começa a aflorar quando na manhã seguinte a jovem acorda meio indisposta para fazer suas tarefas, rejeitou almoço feito pela mãe, e o seu útero ainda doía como de costume. E pelo meio-dia se sentiu desassossegada na sua casa, então resolveu passear por detrás do cortiço. E uma vontade de ficar só, aperta o seu coração, “uma aflição de conversar consigo mesma” (AZEVEDO, 2012, p.132).

E aproveitando o sombreado dos bambus e mangueiras, “Pungia-lhe na brancura da alma virgem um arrependimento incisivo e negro das torpezas da antevéspera; mas, lubrificada por essa recordação, toda a sua carne ria e rejubilava-se” (AZEVEDO, 2012, p.132), Pombinha tentava imaginar o quão bom seria quando casasse, aproveitando o prazer íntimo e o desejo antes guardado e que agora foram despertados. “Já se sentia um mistério, uma mudança e um prazer no seu corpo, enchendo-a de surpresa e mergulhando-a em fundas concentrações de êxtase” (AZEVEDO, 2012, p.132). Nesse prazer, e na imaginação do futuro, a jovem adormece e acaba sonhando que:

[...]em derredor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente. E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios (AZEVEDO, 2012, p.133).

A intensidade do sonho continua aumentando, e lhe arranca suspiros, e Pombinha se espreguiça toda num devaneio sensual. “Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina” (AZEVEDO, 2012, p.133). E sonhando, a jovem sorria, requebrando os olhos, e de repente:

[...] nem que se de improviso lhe inflammassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente entorno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados. E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe ascendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça (AZEVEDO, 2021, p.133).

O sonhe apresenta uma passagem da jovem, e é nesse momento que esse símbolo mostra o acesso para uma vida como mulher. Colocar-se como uma flor desabrochando “a rosa que tinha ao colo”, era a representação da sua vagina, que nos momentos visitados pela borboleta, [...]a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz” (AZEVEDO, 2012, p.133-134).

Essa borboleta que aparece, é a representação da explosão que ocorre quando o sangue derramasse, obra relacionada pelo dilatamento natural do útero quando chega o momento menstrual.

O estopim para a entrada do androginismo psicológico está relacionado ao episódio em que Pombinha conversa com o ferreiro Bruno. A personalidade muda quando Bruno lhe pede para escrever uma carta para a sua mulher, Leocádia, que foi expulsa de casa pelo homem, quando soube que sua esposa havia o traído.

Vamos lá, Bruno! Que queres tu mandar dizer à Leocádia?—Diga-lhe, antes de mais nada, que aquilo que quebrei dela, que dou outro! Que ela fez mal em quebrar também o que era meu, mas que fecho os olhos! Águas passadas não movem moinho! Que sei que ela agora está desempregada e aos paus; que está a dever para mais de mês na estalagem; mas que não precisa dar cabeçadas: que me mande cá o senhorio, que meentendo com ele. Que acho bom que ela deixe a casa da crioula onde come, porque a mulher já se queixou e já disse, a quem quis ouvir, que aquilo lá não era ponto de vadios e mulheres de má vida! Que ela, se tivesse um pouco de tino nem precisava estar às migalhas dos outros, que

eu na forja fazia para a trazer de barriga cheia e mais aos filhos que Deus mandasse... –princiava a tomar calor. –Que a culpada de tudo isto é só ela e mais ninguém! tivesse um bocado de juízo e não precisava envergonhar a cara por aí...[...]depois de coçar mais vivamente a cabeça, gaguejou com a voz estrangulada de soluços: –Diga-lhe que... se ela quiser tornar para minha companhia... que pode vir... Eu esqueço tudo! (AZEVEDO, 2012, p.138).

Pombinha fica perplexa com a transformação no aspecto de Bruno, vendo o ferreiro chorando de amor. “E, coisa estranha, ela, que escrevera tantas cartas naquelas mesmas condições; [...] sobressaltava-se agora com os desalentados soluços do ferreiro” (AZEVEDO, 2012, p. 138). E assim, Pombinha opôs sentir-se mulher começa a ter um novo “olhar para esses devaneios violentos e dolorosos, a que os poetas davam o bonito nome de amor” (AZEVEDO, 2012, p.138).

O seu conhecimento e sua intelectualidade, assim como o corpo, se aflora e a lucidez ganha destaque em sua mente, despindo os olhares antes não percebidos. Olhando o choro do ferreiro, seu lado andrógino entende a fragilidade do homem que mesmo sendo animais de tamanha força, deixam-se serem encabrestados e dominados pela mão da mulher. E assim, percebe a superioridade do seu pensamento andrógino que poderia aumentar frente a mentalidade dos homens:

– Diga-lhe que... se ela quiser tornar pra minha companhia... que pode vir... Eu esqueço tudo!

Pombinha, impressionada pela transformação da voz dele, levantou o rosto e viu que as lágrimas lhe desfilavam duas a duas, três a três, pela cara, indo afogar-se-lhe na moita cerdosa das barbas. E, coisa estranha, ela, que escrevera tantas cartas naquelas mesmas condições; que tantas vezes presenciara o choro rude de outros muitos trabalhadores do cortiço, sobressaltava-se agora com os desalentados soluços do ferreiro. Porque, só depois que o sol lhe abençoou o ventre; depois que nas suas entranhas ela sentiu o primeiro grito de sangue de mulher, teve olhos para essas violentas misérias dolorosas, a que os poetas davam o bonito nome de amor. (AZEVEDO, 2012, p. 236).

No momento da metamorfose, o autor explica o real momento do desabrochar da maturidade escondida, e daquele momento em diante Pombinha dominaria os meios através do seu conhecimento e de sua vivencia. Características essas, abordadas pelo viés da tese determinista:

Aquela pobre flor do cortiço, escapando à estupidez do meio em que desabotoou, tinha de ser fatalmente vítima da própria inteligência. À míngua de educação, seu espírito trabalhou à revelia, e atraçou-a, obrigando-a a tirar da substância caprichosa da sua fantasia de moça ignorante e viva a explicação de tudo que lhe não ensinaram a ver e sentir. [...] E surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força e do seu próprio valor sorriu. E no seu sorriso já havia garras (AZEVEDO, 2012, p.139).

A jovem já não via com bons olhos a figura masculina, e agora passa a se ver como superior e despreza o homem, pois via no feminino a dominância, quebrando a cultura imposta de que o sexo feminino tinha carência, era defeituosa, e tinha uma fraqueza natural advinda da sua natureza.

Assim, Pombinha passa a observar a dominância feminina no cortiço, a submissão dos homens era percebida quando Jerônimo e Firmo se matavam como animais para ganhar Rita Baiana; e Miranda que vivia ao lado da mulher infiel, e Domingos largando emprego e perdendo suas economias para ficar ao lado de Florinda.

Que estranho poder era esse, que a mulher exercia sobre eles, a tal ponto, que os infelizes, carregados de desonra e de ludíbrio, ainda vinham covardes e suplicantes mendigar-lhe o perdão pelo mal que ela lhes fizera?...
E surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força e do seu próprio valor. Sorriu. E no seu sorriso já havia garras. (AZEVEDO, 2012, p. 237)

Daí em diante, a jovem observou que um casamento seria uma precipitação feita, pois não daria tudo ao marido “nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida, [...] e, por conseguinte nunca lhe teria amor” (AZEVEDO, 2012, p.140). Ela passou a ver fraqueza no rapaz, uma vida apática, conformado com pouco, e não tinha nenhuma ambição “era mais um animal que viera ao mundo para propagar a espécie” (AZEVEDO, 2012, p. 140).

Então, no fim dos seus dois anos de casada, Pombinha não aguentava mais o marido, “[...] para conservar-se mulher honesta, tentou perdoar-lhe a falta de espírito, os gostos rasos, [...] a palermice de homem sem ideal” (AZEVEDO, 2012, p.214). E logo, procura outro homem, e acaba se envolvendo com um “boêmio de talentos”, seu esposo estranhava sua mudança, e passou a observar a mulher até que “o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa” (AZEVEDO, 2012, p.215).

Depois de descobrir a traição, o marido devolve a jovem para D. Isabel, que se afundou em planos, pela vergonha, e logo aconselha a filha a mudar de vida e voltar para o esposo. Com raiva da ideia da mãe, Pombinha sai da casa de sua genitora, e passa um tempo sumida, até que semanas depois é achada por Léonie num hotel, “A serpente vencia afinal: Pombinha foi pelo seu próprio pé, atraída, meter-se na boca” (AZEVEDO, 2012, p.215), e seguindo a teoria determinista onde

o humano vive todas as consequências de sua escolha. E mostra que as decisões e os comportamentos era um reflexo da herança genética, o lugar e o meio social que se encontrava.

Pode-se observar que a personagem analisada só passa por essa transformação por conta das influências dos relacionamentos que teve, como a percepção do comportamento dos homens que a cercava. E a partir do momento percebido, cria uma visão feminista, se baseando no andrógino psicológico, quebrando padrões que antes era seguido ferreamente, baseado nos preceitos religiosos que sua mãe lhe havia ensinado.

Depois dos acontecimentos e de sua nova descoberta, Pombinha passa a morar com Léonie e conseqüentemente passou a viver da prostituição. Trabalho feito para ganhar seu sustento e viver das luxúrias que acostumou-se quando morava com sua mãe:

“O ser prostituta envolvia então não só ter muitas relações sexuais, mas ter determinados comportamentos (como andar só, fantasiar-se, sair à noite) e até pensamentos (intenção de voltar para dormir). Ao falar sobre isso, vem-me frequentemente à lembrança a tese, já citada, de Magali Engel sobre a prostituição no século XIX. Na verdade, segundo a autora, as medidas de combate à prostituição não se propunham, em última análise, a erradicá-la. Os médicos tinham, sim, a proposta de isolamento do seio da sociedade.”(ESTEVEZ, 1990, p. 52).

Bataille (2013, p.87), fala que pombinha “se consagrava à transgressão [...], isto é, o aspecto do interdito da atividade sexual, não deixava de aparecer”, e como transgressão, passa a ter uma vida independente que não era bem vista na sociedade, mas que tirava o peso da submissão ao homem.

6 RESULTADOS

Por meio de uma visão física e comportamental, pôde-se ver as mudanças das duas personagens no decorrer da narrativa. Enquanto uma Rita buscava os seus objetivos, Pombinha abria os olhos para um novo mundo não explorado antes.

A curiosidade dessa pesquisa foi sobre os rumos que cada uma chegou, Rita já estava certa do que queria e por um acaso do cortiço sua vida muda e ela passa a viver com um homem que nunca imaginara morar antes. Já Pombinha por obra do cortiço, conhece Leonie que acaba se relacionando com a jovem e sua vida muda daquele momento em diante.

É importante atentar a transformação física que aquela relação amorosa causou, pois antes dela Pombinha vivia no Androginismo biológico que marcavam o seu físico com a sua falta de evolução para os atributos femininos. E logo depois da relação, a jovem passa a aflorar as características femininas e passa a menstruar, e é nesse momento que o Androginismo psicológico ocorre.

No momento em que Pombinha ganha status de mulher formada, a sua mentalidade também passa por uma revolução, pois já não olha mais o homem como um ser que poderia dominá-la, mas como um ser dominado tanto por ela quanto pelas outras mulheres do cortiço. Sua nova visão se deu pelos péssimos exemplos masculinos e matrimoniais que ela via no Cortiço. Seres analfabetos, que viviam na mesmice, possessivos com suas esposas e brutos, seres que participam de sua vida impedindo o fortalecimento de qualquer aspecto positivo em relação ao amor e ao casamento.

As hipóteses também foram confirmadas, pois foi observado a defesa de Rita contra o descaso social imposto pelos meios, ela não se calou em nenhum momento para as pressões sociais que lhes davam como o casamento, a visão patriarcal imposta pelos moradores, inclusive pelas suas amigas lavadeiras. Outra comprovação se deu, pois Pombinha foi adaptável as pressões sociais e acabou por um momento casando, mesmo sabendo que aquele matrimônio não lhe daria felicidade. Outro ponto destacado dessa pressão é a mudança de Pombinha para a casa de Leonie, onde a jovem falou que nunca mais entraria, e pelas circunstâncias impostas acabou morando com a prostituta e também se prostituiu para manter os luxos que tinha.

Os trabalhos impostos são divididos por meio das diferenças sexuais, visando o engrandecimento do homem no “O Cortiço”. Pois enquanto as mulheres trabalhavam como lavadeiras e até cuidadoras de casa, os homens trabalhavam nas empresas e comércios. O exemplo de Pombinha que ficava fazendo poucos trabalhos em casa enquanto seu namorado trabalhava no comércio. Já Rita trabalhava como lavadeira e ganhava migalhas, enquanto Jerônimo era o funcionário mais bem pago da pedreira.

A marca Andrógina apresentada em Pombinha na vertente biológica está ligado ao seu corpo e a má formação dele para tornar-lhe mulher, e ainda pode-se colocar a sua relação de passividade amorosa com Léonie. E em Rita a vertente psicológica baseada na contradição da lavadeira em seguir os padrões impostos pela sociedade que a cercava, ela não teve medo de viver só, não queria casamento e ainda deixava implícito seus desejos e paixões, não sendo apenas uma figura passiva como Freud apresentava as mulheres.

O papel de Pombinha e sua mudança a fizeram também uma andrógina psicológica. Ela não seguiu o papel de passividade, com o aflorar de sua feminilidade buscou um papel ativo e não era apenas doadora de prazer, também recebia e tinha o seu libido ativo. Esse papel ativo não seguia apenas para a parte sexual, mas para a vida social, pois não queria viver com um homem sem futuro e por isso decidiu viver na prostituição sem necessitar de sustento masculino.

A mesma coisa acontece em Rita Baiana, onde ele busca através de seu serviço de lavadeira uma melhora para sua vida, e desde a morte dos pais vivia sozinha. A sua repudia ao casamento se dava pelo fato de Rita querer uma vida solta e sem compromissos, podendo ir para onde quisesse, mas a paixão e o desejo insaciável pela entrega e recebimento de prazer, lhe fizeram mudar de ideia, fazendo assim a mulata querer uma vida com Jerônimo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo dessa pesquisa, provou-se que tanto Rita Baiana quanto Pombinha apresentaram traços andróginos em sua caminhada pelo cortiço. Em Rita se deu na forma Psicológica e em Pombinha Biológica e Psicológica respectivamente.

Compreende-se de que maneira o Androginismo age no cortiço, por meio do perfil de Rita baiana e Pombinha na obra, vendo a relevância da vida de cada uma e seus papéis de mudanças na vida das pessoas. Rita pelo seu gene forte era vista como uma mulher que nunca poderia ser dominada e acabou sendo, e Pombinha como uma figura amável que muda sua trajetória e se transforma num ser dominante.

Identificou-se também como Rita Baiana age às mazelas sociais do cortiço, sempre bem-humorada e quando mexiam com seus princípios de vida a sua mudança de humor a sua resposta era repentina. Também analisamos a maneira em que a Rita e Pombinha são colocadas pelos personagens. Pois enquanto Pombinha era vista como uma mulher meiga e querida por todos, Rita era a alegria do cortiço, más era colocada como um péssimo exemplo de mulher da época, pois não aceitava o papel de serventia que as mulheres do cortiço faziam. E assim, discutimos como a Rita muda seu perfil pela busca de seus interesses, pois antes de se interessar por Jerônimo sua vida era desregrada, mas depois que se apaixona segue as vontades de casar e até morar com o covoqueiro.

Grande parte das dificuldades impostas para a criação dessa pesquisa se concentrou na teoria Andrógina e as dualidades encontradas dentro das vertentes Psicológicas e biológicas, pois é difícil distinguir o sexo do gênero, quando um dos dois está dentro da mente e é nessa parte que Freud dá a sua contribuição, mostrando o caminho certo a se observar.

Outro ponto que dificultou a escolha do tema foi a infinidade de possibilidades que poderiam ser expostas dentro da pesquisa, como a análise de mais personagens ou apenas de umas das duas analisadas. E também poderia ser usado outro tema que possibilitaria uma nova pesquisa na área literária.

Diante desse estudo podemos entender que “O Cortiço”, é um livro de muitas interpretações, onde podemos falar sobre a pobreza estabelecida, a traição, as relações animalizadas, e como o homem muda o seu pensamento para chegar aos seus interesses financeiros e amorosos. O preconceito na aquisição de serviços

e a superioridade das raças é uma marca do livro, assim como a sexualidade das mulheres e os desejos antes não relatados.

Dessa forma, acredita-se que o tema proposto ajudará os estudantes de letras a entender o perfil de duas personagens que antes eram vistas como seres que completavam uma história de vários personagens principais. E assim, poderá se entender as mudanças e os desafios que eram impostos para as mulheres no século XIX.

Então, outro ponto que leva ao estudo da determinada teoria, é o fato do crescimento de jovens que são influenciados pela mídia social a agir da forma em que Rita e Pombinha já agiam dentro da obra do século XIX, sem ter a luz do conhecimento da mesma. Assim algumas mulheres passam a ter a vontade de serem libertas do homem, criando seu ponto de paz dentro da própria mente, fazendo com que trabalhem e lutem pelos seus direitos e deveres e sigam suas próprias vontades.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. **O erotismo**. Tradução de Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Tradução de: L'erotismo.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: 8ª ed. Martin Claret. [1890]2012.
- AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Editora Escala, 2005
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: 48ª ed. Cultrix 2012.
- BEETSCHEN, A. (2016). **Um tourment de la bisexualité : la jalousie**. Le Carnet PSY 2016/2, 196, 25-29. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-25.htm>.
- BOKANOWSKI, T. (1997). **La bisexualité en travail dans la cure** (A propos du « féminin » chez l'homme) ». In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), Bisexualité. Monographies de psychanalyse (pp. 111-130). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0111.
- BULHÕES, Marcelo. **Leituras do Desejo: O Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BULHÕES, Marcelo. **Leituras do Desejo: O Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **Eros Travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **Eros Travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1985
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: 9ª ed. Ouro sobre azul, 2000.
- CHABERT, C. (2016). **Dis-moi qui tu préfères ?** Le Carnet PSY 2016/2, 196, 20-24. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-20.htm>.
- CHABERT, C. (2016). **Dis-moi qui tu préfères ?** Le Carnet PSY 2016/2, 196, 20-24. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-20.htm>.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Editora Global, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- DAVID, C. (1997). **Bisexualité psychique et bisexualité de comportement**. In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), Bisexualité. Monographies de psychanalyse (pp. 147-154). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0147.
- DELOUYA, D. (2003). **A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica**. Ágora, 6(2), 205-214. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982003000200002>.

ESTEVEES, Martha de Abreu de. **Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Riode Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. Tradução de: Histoire de la sexualité: l'usage de plaisir.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2006. Do original em francês: Histoire de la Sexualité: I: La Volonté de savoir.

FREUD, S. (1987e). **O interesse científico da psicanálise**. In J. Strachey (Ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 13, pp. 115-132). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913)

FREUD, S. (2010b). **A feminilidade**. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) (Vol. 18, pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).

FREUD, S. (2010e). **Sobre a sexualidade feminina**. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) (Vol. 18, pp. 371-398). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1931).

FREUD, S. (2011c). **O Eu e o Id**. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

FREUD, S. (2011e). **A organização genital infantil**. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) (pp. 169-175). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

GOMES, Cristina. **Naturalismo**. Disponível em: <www.info.escola.com/literatura/naturalismo>. Acesso em: 08 /05/2021.

GUERRA, Sabrina de Barros Ferreira .**Transtornos do instinto sexual**. A Medicina Legal define a homossexualidade, lesbianidade, transgeneridade e intersexualidade / Sabrina de Barros Ferreira Guerra. -- Salvador, 2019. 230 f.

GUIGNARD, F. (2009). **Entrevista com Florence Guignard: Processos identificatórios do masculino e do feminino**. Jornal de Psicanálise, 42(77), 23-29.

HABER, M. (1997). **Identité, bisexualité psychique et narcissisme**. In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), Bisexualité. Monographies de psychanalyse (pp. 49-68). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0049.

JUNG, Carl Gustav. **Psicología y alquimia**. Bogotá. Editorial solar. 2003. p. 86.

KUEFLER, Mathew. **The Manly Eunuch: Masculinity, Gender Ambiguity, and Christian Ideology in Late Antiquity**. Chicago e Londres: The University Of Chicago Press, 2001. Edita do por John C. Fout. Disponível em: <http://katycat.net/melannen/books/manly_eunuch.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2021.

KUEFLER, Mathew. **The Manly Eunuch: Masculinity, Gender Ambiguity, and Christian Ideology in Late Antiquity**. Chicago e Londres: The University Of Chicago Press, 2001. Editado por John C. Fout. Acesso em: 19 out. 2016.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: realismo**. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1985. PAZ, Octávio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016. p. 18. Adaptado.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PLATÃO, (2000/2003) **O Banquete**. Disponível em <http://br.egroups.com/group/acropolis/>, acedido em 5/04/2021.

PLATÃO. **O banquete**. In: *Dialógos/Platão*. 5ª edição. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

ROBERTSON, Noel. **The Ancient Mother of the Gods**. in: LANE, Eugene N. *Cybelle, Attis and related cults: ensaios em memória de M. J. Vermaseren*. Leiden; Nova Iorque; Köln: Brill, 1996. p. 239-304.

ROUDINESCO, E., & Plon, M. (1998). **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SILVA, Felipe Antônio Ferreira. **Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo**. Disponível em: <www.fals.com.br/revela8/Artigo5_ed08.pdf>. Acesso em: 09/ 05/2021.

TRELLEZ SOLÍS, Eloisa. **La sustentabilidad de La androginia: la necesidad de nuevas rebeldías y nuevas utopías**. Revista polis 9, www.revistapolis.com. P. 8.